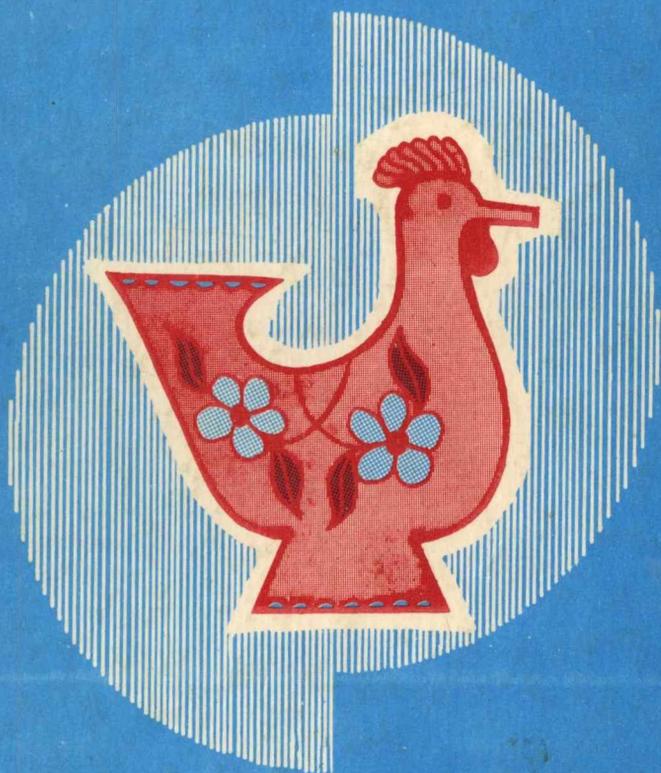


REVISTA NORTE-RIO-GRANDENSE DE FOLCLORE



Rev. N. R. G. Fol.

v. 1 -

n. 1 -

junho

1979

p. 1 - 95

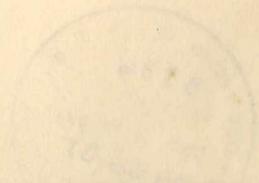
CAPA: Desenho de Maria Célia de Albuquerque



Revista Norte-Rio-Grandense de Folclore

EDITOR: Veríssimo de Melo

EDITOR ADJUNTO: Ovídio Gonçalves



Rev. N. R. G. Fol.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE





Revista Norte-Rio-Grandense de Folclore

EDITOR: Veríssimo de Melo

EDITOR ADJUNTO: Deífilo Gurgel

Rev. N. R. G. Fol.

v. 1 -

n. 1 -

junho

1979

p. 1 - 95

NATAL-RN — Nº 1 — 1979

REVISTA Norte-Rio-Grandense de Folclore.
Vol. 1- n. 1- Junho de 1979.
Natal, Comissão Norte Rio-Grandense de
Folclore, 1979-
v. ilust.

1 — Folclore — Rio Grande do Norte

CDD 398.813

Cat. B.P.C.C.

PATROCÍNIO : Fundação Nacional de Arte/Campanha
de Defesa do Folclore Brasileiro
(DAC/MEC)

EDIÇÃO : Comissão Norte-Rio-Grandense de
Folclore

COLABORAÇÃO : Fundação José Augusto

APRESENTAÇÃO

Esta é a primeira revista de Folclore que se edita no Rio Grande do Norte.

Iniciativa da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore, deve-se a sua edição à prestimosa colaboração da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, por intermédio do seu diretor-executivo, Dr. Bráulio do Nascimento, e ainda cooperação da Fundação "José Augusto", através do seu presidente Dr. Franco Jaziello.

Seus colaboradores, em maior número, são integrantes da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore. Ensaios e artigos outros são de escritores do nosso Estado ou da região, especialmente convidados.

Cabe aqui os agradecimentos a todos os que nos deram alguma parcela de ajuda para esta edição, inclusive à direção e servidores da Gráfica Manimbu.

Veríssimo de Mélo-Editor

...
...
...
...
...

APRESENTAÇÃO

Esta é a primeira revista do Politecnico que se edita no Rio Grande do Norte.

Intitulado de Comissão Rio-Grandeense de Politecnico, nasceu a sua edição a prestissimo colosso da Companhia de Dezas do Politecnico Brasileiro, por intermédio do seu director-executivo, Dr. Benedito do Nascimento, a quem cooperou de primeira José Augusto, actual presidente da Comissão.

Esta publicação, em menor numero, é a primeira da Comissão Rio-Grandeense de Politecnico. Embora a edição dos outros seis de revistas do nosso Estado na região, especialmente em Pernambuco.

Com este trabalho, esperamos a todos os que nos leiam, e para os que não, a fim de que possam conhecer a situação do Politecnico Brasileiro e a situação do Rio Grande do Norte.

Verissimo de Melillo

...

SUMÁRIO

- Luís da Câmara Cascudo — “OS BANDAR-LOG DE RUDYARD KIPPLING E OS IURUPIXUNAS DE BARBOSA RODRIGUES”
- Gilberto Freyre — “O ÂNIMO FOLCLÓRICO NO COMPORTAMENTO E NA CULTURA DO BRASILEIRO”
- Nilo Pereira — “A ESCOLA DO RECIFE E O FOLCLORE”
- Veríssimo de Melo — “O POETA DE CORDEL É UM CONSERVADOR” — (Entrevista concedida a Lena Frias, do Jornal do Brasil)
- Deífilo Gurgel — “HISTÓRIA & ESTÓRIAS DE BOI”
- Iaperi Araújo — “FUNCIONALIDADE E LÚDICA NA ARTE POPULAR”
- Protásio Melo — “A GÍRIA DA JUVENTUDE”
- Raimundo Nonato — “SERRAÇÃO DA VELHA”
- José Gomes Neto — “ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE INSELENÇAS”
- Gumercindo Saraiva — “REBOLA A BOLA, EMBOLADOR...”
- Francisco Fernandes Marinho — “TRÊS LENDAS NORTE-RIOGRANDENSES”
- Joaquim Crispiniano Neto — “O RISO E A RIMA DE LUIZ CAMPOS”
- Maria Lúcia de Souza — “PASTORIL NO RIO GRANDE DO NORTE”
- Neusa Caminha Cascudo Rodrigues — “O 30 DE SETEMBRO E A FESTA DO ROSÁRIO”
- Franklin Jorge — “MEDICINA POPULAR E SUPERSTIÇÕES NO CEARÁ-MIRIM”
- Iramar Araújo — “MIGUEL RELAMPO — UM ARTISTA DO POVO”

OS BANDAR-LOG DE RUDYARD KIPLING E OS IURUPIXUNAS DE BARBOSA RODRIGUES

Luís da Câmara Cascudo

No *JUNGLE BOOK*, o segundo capítulo trata da caça de Kaa, a serpente pitão. Rudyard Kipling conta que o menino Mowgli foi raptado pelos *Bandar-log*, o povo dos Macacos. *Kaa*, *Bagheera*, a pantera negra, e *Baloo*, o urso, libertaram Mowgli.

Para que os *Bandar-log* queriam Mowgli?

Os macacos sofriam frio e não sabiam construir uma morada de ramos enlaçados. O menino fazia facilmente essa casa. O assalto era para obrigar Mowgli a ensiná-los a fazer um rancho. Os *Bandar-log* não têm chefe nem grito de união, nem disciplina. São os mais gritadores, airoso e malvados dos povos da jangla. Mas se dizem os mais fortes, antigos e organizados. Mowgli, carregado para as Montanhas Frias, antiga cidade abandonada que a floresta destruíra, tentou ensinar aos *Bandar-log* o segredo de formar a casa com bambus e cipós. Mas os macacos já tinham esquecido a razão do rapto. Continuaram e continuarão vivendo sem agasalho porque não têm memória. Memória é Sabedoria. *The Jungle Book* é de 1894.

Em dezembro de 1887, Barbosa Rodrigues escrevia a dedicatória da sua *PORANDUBA AMAZONENSE*, publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XIV, referente a 1886-87, distribuídos em 1890.

A tradição dos macacos sem abrigo pela falta de memória e atenção, mantem-se entre os indígenas do setentrião do Brasil.

Barbosa Rodrigues narra a estória dos YURU-PIXUNA, "Bôca Prêta", *Callithrix sciourea*, macaquinhos ágeis que vivem habitualmente nas palmeiras jauarís; (*Astrocaryum yuaary*, Martius).

— "Os Bôca-Prêta" dormem amontoados nas folhas dos yauarys. Nas noites de trovoada e grandes chuvas, os filhinhos choram e gritam de frio. O mesmo acontece às mães. Os pais então dizem: —

— Amanhã fazemos a nossa casa!

Outro responde: — Amanhã mesmo!

Quando amanhece, dizem: — Vamos fazer as nossas casas?

Outro responde: — Vou comer um bocadinho ainda.

Outros respondem: — Eu também.

Outros dizem: — Eu também.

Vão-se todos e não lembram-se mais de fazer a casa. Quando volta a chuva, e que estão dormindo, então se lembram e dizem: —

— Havemos de fazer a nossa casa!

Algum dia farão casas.

Assim fazem também os homens!

Yaué u munhan amu, apegaua etá, assim fazem os outros homens...

O ÂNIMO FOLCLÓRICO NO COMPORTAMENTO E NA CULTURA DO BRASILEIRO

GILBERTO FREYRE

O brasileiro continua a ser, no seu comportamento e na sua cultura, um tipo nacional de homem a quem não falta ânimo folclórico. Ânimo e perspectiva. O folclore está, mais ou menos, presente na sua conduta assim como na sua religião e na sua arte; e à base da sua literatura e da sua filosofia de vida. O ânimo anti-folclórico é raro entre nós: não caracteriza o brasileiro típico.

Dai certos estrangeiros demasiadamente lógicos ou racionais ou supostamente modernos nas suas perspectivas considerarem esse brasileiro típico, e assim animado de sugestões folclóricas na sua conduta e na sua cultura, um lamentável arcaico ou retardado — retardado cultural — que precisaria de atualizar-se, repudiando esses arcaísmos. Terão razão esses estrangeiros, para os quais parece que deveríamos extinguir, em nossa cultura, os chamados arcaísmos folclóricos, com a mesma decisão com que vencemos a febre amarela? Terão razão na crítica que nos fazem? Será o certo caminharmos para um comportamento e para uma cultura nacionais semelhantes ao comportamento e à cultura dos suecos de hoje — lógicos, racionais, estritamente racionais, cercados de tal modo de garantias contra riscos e de seguranças contra imprevistos que entre eles tudo, ou quase tudo, é cientificamente regulado e previsível?

Ou é de vantagem para o brasileiro e para sua situação na época posmoderna que já se sobrepõe à apenas moderna ser um homem — ou uma mulher — telúrica, poética e folclóricamente condicionado em vários aspectos de sua vida, embora científica e tecnologicamente motivados noutros setores? Este um problema que o brasileiro precisa de resolver brasileiramente: fiel aos seus antepassados essenciais e não apenas seguindo seus contemporâneos mais em voga.

Nós, brasileiros — em grande parte, descendentes de portugueses, continuadores de portugueses, renovadores da cultura portuguesa — herdamos deles e dos hispanos, em geral, o apego à sabedoria popular ou folclórica. Apego que espande em dois clássicos das duas principais línguas hispânicas: Cervantes e Gil Vicente no *Dom Quixote* e nos *Autos*.

Daí serem culturas, as hispânicas, em geral e dentro delas a brasileira, no estudo das quais precisa o pesquisador de senti-las e de compreendê-las folcloricamente e não apenas de analisá-las eruditamente, historicamente, cientificamente. O folclore é, nesse estudo, tão fonte de informação como as crônicas de categoria literária.

Somos, além disso, uma nação, os brasileiros, cujo passado sócio-cultural não é só histórico pois não é só europeu: é também ameríndio e africano. E por que meios esse outro passado sem história escrita, só oralmente ou miticamente histórico, se deixará tocar pela nossa indagação em busca de senti-lo e compreendê-lo e na tentativa de reconstituí-lo, senão através de técnicas antropológicas? Uma dessas técnicas é de captação de antecedentes culturais através de estudo de sobrevivências folclóricas, de permanências folclóricas, de sugestões folclóricas. O atual livro, em grande parte artificioso, em língua inglesa, que em tradução portuguesa se intitula *Negras Raízes*, sobre o passado reconstituído menos histórica que, em parte, socioantropológicamente, em parte novelisticamente, do negro dos Estados Unidos, é o que procura realizar. No Brasil é o que já há anos se realiza juntando técnicas antroporraciais de reconstituição de passados de sociedades primitivas e analfabéticas — duas delas tão presentes na formação sociocultural do Brasil — a técnicas convencionalmente históricas. Foi uma das ousadias pioneiras do livro intitulado *Casa-Grande & Senzala*.

Folclore não é luxo. Não é apenas um estudo do que é curioso, arcaico, pitoresco, poético, nessas sobrevivências ou nessas permanências. É parte viva, essencial, da cultura de um povo que tenha a felicidade de conservar suas tradições, tão populares, sem sacrificá-las ao frenesi do desenvolvimento ou ao furor do modernismo.

Dizer tais coisas sobre a parte folclórica da cultura brasileira em Natal, ou no Rio Grande do Norte, importa em homenagem na sua própria e ilustre cidade materna ao mais completo mestre na especialidade — a ciência folclórica. Mestre que, do Brasil com repercussão no estrangeiro, enriquece os modernos estudos em setor tão importante, com seu extenso e sólido saber: o Prof. Luís da Câmara Cascudo. Seus trabalhos sistemáticos sobre assuntos folclóricos, etnográficos, antropológicos, de tanto interesse para os estudos brasileiros em geral, são já clássicos.

Com os de Renato Almeida e de outros já antigos estudiosos, tendo ao lado conterrâneos mais jovens dedicados à mesma especialidade — um deles Veríssimo de Melo — hoje mestres da matéria, vêm concorrendo para dar vigor à apologia do folclore como parte vital da cultura brasileira.

(Transcrito, com autorização do autor, do "Jornal do Comércio", Recife, 1.10.1978).

A ESCOLA DO RECIFE E O FOLCLORE

NILO PEREIRA

Neste ano do sesquicentenário da criação dos Cursos Jurídicos, 11 de agosto de 1977, parece oportuno recordar um aspecto da chamada Escola do Recife, que Clovis Bevilacqua, na sua *História da Faculdade de Direito do Recife*, divide em três fases, sendo a última aquela que mais interessa ao cientista social e não apenas ao pesquisador do Direito.

Em 1882 Tobias Barreto fazia o seu famoso concurso para a Faculdade. Foi um espetáculo verbal inesquecível pela veemência com que defendeu as idéias novas, baseado principalmente nos publicistas germânicos, notadamente Rudolph Von Ihering e Hermann Post. A visão monística do Direito era um desafio à Metafísica e ao Direito Natural. Sylvio Romero já havia declarado a morte da Metafísica em discussão célebre com o examinador Coelho Rodrigues.

Quando falamos de um espetáculo "verbal" não é para amesquinhar o gênio de Tobias e sim para caracterizar, de acordo com o testemunho de Graça Aranha, um aspecto muito destacado da sua personalidade marcante, como que mágica, diante dos seus alunos fascinados. Foi esse talento verbal que muito seduziu as gerações novas, sem que por isso as aulas de Paula Baptista e de Pedro Autran da Matta e Albuquerque tenham sido esquecidas, embora Lopes Gama, com a sua sátira carapuqueira, deixasse do grande processualista, traduzido na Alemanha, um retrato possivelmente fiel do lente faltoso, quando das aulas do Curso Jurídico de Olinda...

Que concepção teve a Escola do Recife do Folclore? Todos sabemos que o culturalismo germânico de Tobias Barreto, filosoficamente apegado ao neo-kantismo, não procurou as raízes populares da cultura brasileira, como o faria depois Sylvio Romero, investigando tradições, hábitos, costumes, o mistério que há na alma do povo, a literatura oral em que Luís da Câmara Cascudo é não apenas mestre, mas sistematizador pioneiro. Cascudo diz no seu livro *Literatura Oral* que o Povo também é Universidade. A Escola do Recife, mesmo na sua terceira fase, que é a mais ostensivamente culturalista, não se deixou impressionar com as origens populares da Cultura, tomada em suas dimensões universais e particulares.

Tobias Barreto fundou e chefiou uma Escola com propósitos nitidamente renovadores. Há mesmo no pensador teuto-sergipano, como chamou Taunay, certo profetismo inarredável da sua personalidade de mestiço complexado, que não podia gostar de Castro Alves nem de Joaquim Nabuco, este último por ele considerado como um simples imitador dos oradores ingleses do Parlamento.

O grande mérito da Escola do Recife, tão bem estudado pelo prof. Nelson Saldanha em recente ensaio, foi o de criar novas perspectivas do Direito e da Filosofia. Atrevo-me até a dizer que Tobias talvez seja maior filósofo do que jurista, no estrito sentido da palavra. O que ele fez, realmente, foi uma Filosofia do Direito em termos novos e sedutores para uma juventude habituada às *sebentas* e um tanto marcada pela tradição barroca da Universidade de Coimbra. Sua palavra de fogo era a de um profeta.

Por mais de uma vez Sylvio Rabello me disse que Sylvio Romero era a maior figura da Escola do Recife. Havia sobrepujado o próprio Tobias, que teve nele o seu maior amigo, exatamente porque penetrou nas camadas populares e sentiu que as tradições, os costumes, as superstições, os cantos, as danças, tudo isso tinha de ser encarado como a alma do povo no seu impresentido caminhar dos tempos.

Tobias não aceitou a Sociologia, talvez pelo seu combate a Augusto Comte, como salienta Vamireh Chacon, no seu recente livro *História das Idéias Sociológicas no Brasil*, editado pela Universidade de São Paulo.

O resultado é que a ausência da investigação folclórica, assim como da especulação sociológica, constitui uma lacuna da Escola do Recife, cuja perspectiva cultural não abrange o povo. A rigor, trata-se de uma Escola que hoje chamaríamos elitista, isto é, voltada para o alto pensamento filosófico-jurídico, sem implicações com as raízes populares da formação nacional.

Este é um tema de certo modo fascinante para folcloristas e antropólogos culturais do porte de um Veríssimo de Melo, nome hoje internacional na sua especialização. Ou para mestres igualmente notáveis como o pioneiro Luís da Câmara Cascudo, que fundou em Natal a Sociedade Brasileira de Folclore e que, com o seu monumental *Dicionário de Folclore* se tornou autoridade mais do que nacional, e cuja obra é mais profunda do que a de Sylvio Romero, João Ribeiro e Melo Moraes Filho, entre outros.

Deixo aqui a sugestão talvez válida: — um estudo da Escola do Recife sob o ponto de vista do seu culturalismo abrangente, em contraste com o alheamento das origens populares da cultura nacional.

Juiz de Direito no interior de Sergipe, Sylvio Romero teve oportunidade de estar em contato com o povo, ouvindo e recolhendo estórias, lendas, contos. Foi aí, certamente, que o seu espírito — possivelmente mais universalista do que o de Tobias Barreto — se sentiu despertado para esse mundo obscuro, feito de anonimatos prodigiosos. Deve ter ouvido os cantadores populares, “analfabetos geniais”, na expressão de Luís da Câmara Cascudo.

Estava longe da agitação intelectual do Recife, naquela década de 1870, que ele considerou a mais rica do espírito brasileiro: — a década da Questão Religiosa, dos debates mais acesos sobre a separação da Igreja e do Estado, do casamento civil, do registro civil, da propaganda republicana e da pregação abolicionista.

A imprensa era essencialmente polêmica. Tobias se expandia nos jornais, um campo raso de doutrinas e controvérsias. Mantinha-se na sua posição um tanto aristocrática de homem superior. Seu germanismo talvez se explique — quem sabe? — por uma atração natural pelo arianismo alemão. Procurava o contraste.

O mestre Sílvio Meira, com a sua grande autoridade, sugere que a vitória da Alemanha, na guerra de 1870, abatendo e humilhando a França, tenha arrastado Tobias a uma certa universalização da cultura tedesca. O certo é que a influência francesa não sofreu uma queda tão brusca que explicasse o entusiasmo de Tobias pelo espírito germânico. “A Alemanha é minha loucura”, dizia então.

Tudo isso é apenas uma imagem já muito conhecida da Escola do Recife e do seu criador. O que sugiro nesta mais do que modesta e pobre contribuição é que a Escola do Recife, sempre prospeccionada do ponto de vista da sua inovação cultural no campo do Direito e da Filosofia, seja um tema para especialistas seduzidos talvez pela procura de um sentido criador que explique certo exclusivismo da Escola, com o esquecimento do Folclore e da cultura popular.

Foi Sylvio Romero, tão ortodoxamente tobiático como amigo e como discípulo, quem deu à Escola do Recife uma conotação popular com a sua obra sempre voltada, de certa época em diante, para as nossas tradições, que escaparam ao germanismo do mestre.

O POETA DE CORDEL É UM CONSERVADOR

UM FOLCLORISTA FALA DO QUE É E NÃO É
AUTÊNTICO EM MATÉRIA DE CULTURA POPULAR

Lena Frias

VERÍSSIMO de Melo, folclorista potiguar, mais de 60 títulos (entre livros e ensaios publicados no Brasil e no exterior), é professor de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Veríssimo, que se considera discípulo de Luís da Câmara Cascudo, está empenhado na realização do Mapa Folclórico do Rio Grande do Norte, trabalho que se iniciou em junho último, em colaboração com o Projeto Rondon, UFRGN e 250 universitários. Na segunda edição de *Noções de História das Literaturas*, de Manuel Bandeira, lá está ele recebendo citação como estudioso de assuntos ligados à cultura popular. “Mas para mim a distinção maior, a provocar ciúmes até no meu mestre Cascudo, é que sou o único escritor citado em rótulo de cachaça”.

Depois de rir com esta distinção, ele passa a falar de assuntos sérios — a começar pelo risco de desaparecimento ou despersonalização da nossa memória cultural, em consequência do vício brasileiro de superestimar os valores de fora, substituindo-os por manufaturados estrangeiros de baixa qualidade — em música, em literatura, em cinema, nas artes em geral, populares ou não.

O que você acha que se deve fazer para impedir essa espécie cultural?

— Sendo a cultura um processo dinâmico permanente, nenhuma manifestação fica imune de influências verticais ou horizontais. O artista e o artesão, especialmente agora, quando os meios de comunicação se multiplicaram e se aperfeiçoaram, são os que mais vêm sofrendo essas influências deturpadoras em suas criações. Exemplo concreto, no caso, aqui no Rio Grande do Norte. Lembro-me ainda muito bem de um tipo de bolsa de fibra, singelo mas expressivo, que era feito por artesão do Município de Nizia Floresta (cerca de 40 quilômetros de Natal). Era algo típico da região — o que, aliás, é uma das características do artesanato, a marca regional. Pois bem. De um momento para outro essas bolsas desapareceram como por encanto, e as artesãs passaram a fazer bolsas mais sofisticadas, com base em modelos americanos.

Soube depois que foi resultado de interferências de senhoras de uma instituição católica, visando a melhorar os padrões do artesanato local. Do ponto-de-vista econômico, não se põe em dúvida a boa intenção dessas senhoras. Todavia, do ponto-de-vista folclórico, ou mais precisamente, do ponto-de-vista cultural, foi uma violência e um erro. Extinguiram um tipo de artesanato da melhor aceitação popular. Sei que fenômeno semelhante tem ocorrido e vem ocorrendo em vários pontos do Nordeste, sem que se possa oferecer meios urgentes de combatê-los. Aí é que uma política cultural se impõe, para deter ou atenuar essa onda arrasadora da memória do povo, de sua identidade cultural.

— *E o caso da arte remanejada, gente que se aproveita das peças de artesãos como matérias-primas, jogando sobre elas o que seria a sua própria arte? Será esse um jogo decente, ou apenas mais uma forma de exploração da arte popular?*

— Esse fenômeno chamado arte remanejada é coisa recente. Artistas plásticos adquirem peças de cerâmica em branco, por exemplo, e pintam essas peças à sua maneira, traços e cores de suas criações espontâneas. Não há dúvida de que há peças lindas dessa arte remanejada, com aceitação garantida pelos turistas. Se por um lado essa atividade não altera a forma da cerâmica tradicional — isso é o que eu acho — por outro modifica-a em suas cores e desenhos típicos. Os nossos famosos galos de Santo Antônio dos Barreiros, por exemplo, estão aparecendo aí com mil cores e os desenhos mais extravagantes. Como manifestação plástica, a *arte remanejada* é aceitável. Mas tem o aspecto negativo de destruir a peça original folclórica. É outra forma de influência deturpadora que o artista popular vem sofrendo.

Você tem algum ponto-de-vista firmado sobre como combater ou atenuar essas interferências na arte popular e no artesanato?

— Todos nós que estudamos “essas laboriosas inutilidades” — como diz o Cascudo — das coisas folclóricas, sabemos que só se admite ajuda de instituições públicas e privadas aos artistas e artesãos na parte material, no seu instrumental de trabalho; ou, ajudando-os a colocar o produto no mercado, melhorando a distribuição, dispensando-os de taxas etc. A criação propriamente dita do artista é intocável, é sagrada. O artista deve ter liberdade para criar suas peças, seguindo uma linha tradicional. Interferir nisso aí é uma violência. Essa é a política certa para evitar-se a deformação da arte e artesanato.

E no tocante à literatura chamada de cordel? Aí há também problemas de deformação?

— Numa comunicação que apresentei ao Simpósio Pesquisa de Folclore, realizado em São Paulo ano passado, chamei a atenção para um problema sério. Tenho observado o aparecimento de inúmeros folhetos, tipo cordel, com as mesmas características formais, porém escritos por intelectuais, professores universitários, estudantes. Ora, sabemos que o cordel — ou o folheto, como prefere Câmara Cascudo — caracteriza-se por três elementos fundamentais: *poesia narrativa, popular, impressa*. Nesses folhetos que estão aparecendo falta um desses elementos, a sua origem *popular*. Escritos por intelectuais, não são nunca folhetos autênticos. Hoje que nós conhecemos seus Autores é fácil separar o joio do trigo. Mas digamos daqui a 50 ou 100 anos, quem poderá dizer o que é cordel autêntico ou não?

Há, porém, o aspecto da ideologia. Não será ele, daqui a 50 ou 100 anos, um bom parâmetro para a identificação do que é e o que não é autêntico?

— Sim, é verdade, eu também entendo que se pode identificá-los pela ideologia que encerram. O poeta popular nordestino é conservador a toda prova. Está com o Governo, seja qual for; é católico; sua linguagem está cheia de arcaísmos e modismos regionais; alude sempre às suas técnicas de trabalho tradicionais e vê toda inovação com ironia ou desconfiança, o que é uma forma de repulsa. Dois exemplos rápidos para melhor entendimento do problema: Sebastião da Silva, cantando em Natal com Moacir Laurentino (ambos são paraibanos, mas Sebastião está radicado no Rio Grande do Norte), deu-nos uma resposta típica da ideologia do cantador nordestino. Moacir Laurentino defendia a Paraíba e Sebastião, o RGN. Moacir disse uma sextilha que terminava com estes versos:

*“... a Paraíba é tão grande,
desde a chã ao pé da serra,
que o Governador daqui
é filho da minha terra”.*

Aludia ao Dr. Tarcísio Maia, que é paraibano. Sebastião respondeu:

*“Contra você faço guerra,
o seu plano foi à-toa
que um próprio paraibano
assassinou João Pessoa;
terra que mata o Governo
não diga que é terra boa.”*

Sobre as inovações, basta lembrar a ironia de Zé Limeira, diante de um gravador, que ele via pela primeira vez:

*"Heleno, que bicho é esse
que tem voz de home macho?
Parece um tatu quadrado
com uma correia por baixo;
e ninguém sabe se a boca
está por riba ou está por baixo.*

Os folhetos que apareceram sobre o divórcio no Nordeste foram sempre tomando posição contrária. Já um poeta paraibano residente no Rio de Janeiro escreveu folheto defendendo o divórcio. Tudo, como se vê, de acordo com a sua ideologia, que é a ideologia do próprio meio onde vivem e atuam. Por isso, para detectar o pastiche na literatura de cordel, ou na arte popular e artesanato, em qualquer tempo, parece que o caminho mais viável é esse: o exame, a análise de sua ideologia e das suas intenções.

(Transcrito do "Jornal do Brasil", Rio de Janeiro, 8 de julho de 1978).

HISTÓRIA & ESTÓRIAS DE BOI

Deífilo Gurgel

Mário de Andrade, quando esteve em Natal, em 1929, pesquisando as nossas danças folclóricas, conta que, certo dia, passando por uma das ruas da cidade, ouviu quando um sujeito cutucou o outro e disse:

— Esse aí é o doutô de São Paulo que veio 'studá boi. . .

Melhor ainda é aquela história que Cascudo registra em “Tradições Populares da Pecuária Nordestina”, do sujeito do interior que, preenchendo um questionário do IBGE, respondeu no lugar destinado à profissão: “Boi”. Boi? Ficou todo mundo perplexo. Mandaram chamar o homem. Sua profissão é boi? Era. Ele era o sujeito que, no Natal dançava com a carcaça do boi, em cima da própria.

Como se vê, em matéria de boi, tudo pode acontecer.

Ainda outro dia, eu fazia uma gravação da “maruja” de Manuel Marinheiro, do roteiro musical do boi calemba dele, ali no bairro de Dix-Sept Rosado. Lá prás tantas, eles cantaram o repartimento do boi:

“O figo do boi, simamué,
êsse é de nós dois, simamué,
pedaço do figo, simamué,
prá doutô Neífo, simamué!...

Devo explicar que Dr. Neífo sou eu mesmo e que me senti sobremaneira honrado em ser agraciado com um pedaço do “figo” do boi. Agora, o que me enjicou foi aquele “simamué”.

— Manuel, que negócio é este de “simamué”?

— Ah, doutô, eu não sei, não. A gente aprendeu assim e só canta assim.

Fiquei com o “simamué” atravessado na garganta, isto é, na mente. Até que, tempos depois, fui gravar o boi calemba de “seu” Pedro Guajiru, em São Gonçalo do Amarante. Piorou tudo. Lá, eles não diziam “simamué”. Diziam “istimamué”.

— Seu Pedro, o que é esse “istimamué,” aí?

— Sei não, doutô.

Quer dizer, ficou o dito pelo não dito.

Mas, como o Livro Santo ensina que nem só de pão vive o homem, mas, etc. etc., etc., assim também, em folclore, nem só de gravações, documentação fotográfica ou qualquer outro tipo de registro mecânico vive o folclorista, mas de toda palavra saída dos livros dos mestres.

Por isto, leitura vai, leitura vem, lá um dia eu topei com o “simamué”.

Primeiro, em Sílvio Romero, nos “Cantos Populares do Brasil”, mais tarde, na “Musica Popular Brasileira”, de Oneyda Alvarenga, depois, em outros autores.

O negócio do “simamué” é o seguinte: no século passado, Sílvio Romero registrou em Sergipe o Reisado do “seu” Antonio Geraldo. Neste Reisado, posteriormente absorvido pelo bumba-meu-boi, juntamente com cantigas e bailados outros, conta-se em versos a história da morte de um boi e a distribuição de suas partes, de maneira jocosa, entre as pessoas da localidade. Ao fim de cada verso, repetia-se o estribilho: “Assim mem’ê”. Com o passar dos anos, esse estribilho foi ganhando novas formas: “simamué”, “istimamué”, sabe Deus quantas transformações.

Oneyda explica bem a coisa: “cada verso é seguido do refrão *Assim mem’ê* (assim mesmo é).

Eis aí: o simamué”, que tanto me encantara, na sua aura de mistério, no início de minha carreira de folclorista, há cinco anos atrás, não passava de um modesto estribilho com que o côro de brincantes do Antonio Geraldo confirmava os versos improvisados ou tradicionais, cantados pelo solista do brinquedo: “Assim mesmo é”.

Por tudo isto, eu me sinto hoje, comparando mal, como o mestre paulista: um doutor de Boi. Nas minhas andanças pelos livros, subúrbios distantes e pelas humildes cidades do interior, muita coisa já aprendi sobre o nosso mais importante folguedo popular: o Bumba-meu-boi.

E do que li, do que ouvi, do que aprendi, tirei conclusões.

Destas, a mais importante é a de que o Boi Calemba é talvez sob certos aspectos, o Boi mais tradicional do Brasil, entre Bumbas, Bumbás, Bois de Reis, Bois-de-mamão, etc. Senão, vejamos.

O Bumba-meu-boi nasceu humilde. Mero desenfado da escravaria ou mestiçagem, nos engenhos e fazendas de criação do nordeste brasileiro. Daí, ele teria se espalhado para o resto do País. Então, foi evoluindo, até a apoteose do Bumba/Bumbá maranhense, onde o couro do Boi, de veludo negro, trabalhado em canutilhos e missangas, custava, há vários anos a soma de dois mil cruzeiros, o que não era obstáculo para que os melhores "Bois", os bois "baseados", ostentassem uma coleção de quatro a cinco couros, cada temporada.

O nosso boi não tem disso, não. Uma carcaça de varas amarradas de embira, uma esteira por cima, uma caveira de boi e uma coberta de chita, "o Boi dança nas salas e também nas ruas". Como no princípio, quando ele começou, aí pelos fins do século XVIII, começos do XIX, mero folguedo de escravos, nos engenhos do Nordeste, ou de vaqueiros, nas fazendas de criação.

Não vai, nestas conclusões, nenhum desmerecimento ao boi do Maranhão nem ao boi de ninguém. De jeito algum. Muito pelo contrário. A coreografia do boi maranhense é linda. A indumentária, de uma beleza e riqueza impressionantes.

O Boi Calemba entretanto, nos parece mais original, mais fiel às raízes tradicionais, particularmente no seu repertório musical.

Vejamos, por exemplo, a apresentação: o Mateus, o Birico e a Catarina, que dançam no terreiro das fazendas potiguares, nos dias atuais, ainda são os mesmos que enchiam de alegria as noites de Natal de outrora, com seus paletós surrados, seus vestidos de chita, suas caras tismadas de carvão, suas loas e piadas seculares. São os mesmos que Mário de Andrade viu dançando na praia de Redinha, há cinquenta anos atrás, vindos de São Gonçalo do Amarante, dezoito quilômetros a pé, para essa apresentação.

Mas, nossa autenticidade não fica apenas na apresentação dos figurantes, porque Mateus e Berico (o Bastião pernambucano) existem no Bumba-meu-Boi dos Afogados, do Capitão Antonio Pereira, motivo

de uma pesquisa coordenada por Hermilo Borba Filho, para o Instituto Joaquim Nabuco, e em muitos outros bois, com nomes diversos. Da mesma forma, a Catirina, anda espalhada pelo Brasil a fora, sob os mais variados nomes: Rosa, Rosinha, Catita, Catirina, Mãe Catirina, Mãe Maria etc., todas humildes e honestas, como nos primeiros dias da criação, não obstante alguns “mestres” de boi já se arrisquem a permitir no seu elenco de figurantes Mãe Catirina desfilando de mini-saia, durante o espetáculo.

Entretanto, não é apenas isto que dá autenticidade e tradição ao nosso Boi Calemba. Não é apenas o seu elenco de figurantes, os seus bichos e fantasmas, atravessando incólumes a noite dos tempos.

O que, na realidade, dá grandeza e perenidade ao nosso Boi é a sua música, o repertório de suas cantigas, fixadas no tempo. Para sempre.

O Bumba-meu-boi de Pernambuco, do Capitão Antonio Pereira, em apresentação completa, dura oito horas. Tem cantiga que não acaba mais. Coisas lindas, em versos:

“Maria Capitulina,

vamos ao campo girá,

vamos à beira da praia

vê a pancada do má.”

Mas, onde é que essas cantigas em suas letras se amarram no passado, na evocação de temas que fazem a história de nosso povo, nos seus momentos de bravura ou de alegria?

E o repertório do Boi-Bumbá paraense/maranhense? Exceção do ritual do Boi, tudo são cantigas de desafio, improvisadas ano a ano, na emulação entre os diversos grupos, no propósito de tudo fazerem, inclusive um novo repertório musical, para suplantar os adversários.



Fernando Gurgel
Natal 76

No Boi Calemba potiguar é diferente. A começar pelas saudações e louvações, as mais conhecidas e tradicionais, neste gênero de folgado popular

Ô de casa, ô de fora,
Minina vai ver quem é,
É o cravo, é a rosa
Com a açucena no pé.

Ô de casa, ô de fora,
Minina vê quem tá aí.
É o cravo é a rosa,
a fulô do bugari.

.....

Deus te salve, casa santa,
onde Deus fez a morada,
onde está o cális bento
e a hosta consagrada.

.....

Sinhora dona da casa,
fulô da cana caiana,
quanto mais a cana cresce,
mais omenta a sua fama.

Sinhora dona da casa,
grande nome é o seu.
Boca de cravo incarnado,
olhos do Minino Deus.

Meu sinhô dono da casa,
dente de malfim dorado
o sinhô é meu padrinho,
nós somo seus afiado.

.....

'Stou aqui em vossa porta
in trajo de um marinheiro.
Eu num vim lhe pedir nada,
vim ganhá o seu dinheiro.

passando posteriormente por outras cantigas, não menos tradicionais, de cunho nitidamente sertanejo,

A mulhé do meu patrão

tá pra morrê duma dô

purquê num fez um vistido

cum a fumaça do vapô.

.....

A coan vuou, vuou,

para a cacimba de dento.

O vô foi tão danado, coan,

que o mundo ficou cinzento.

para atingir o ápice no ritual do boi, que se inicia com um "aboio" (assim o classificou Mário de Andrade), inspirado no velhíssimo romance do Boi Espaço, do ciclo heróico da pecuária nordestina, quando nasceu toda uma mitologia de animais fabulosos,

Meu boi Ispaço, moreno, êh, meu boi!

Onde é sua maiada? êh, meu boi!

Im cima da chã da serra, êh, meu boi!

Naquela pedra lavrada, êh, meu boi!

Condo chove tá inxuta, êh, meu boi!

Condo faiz só tá molhada, êh, meu boi!

.....
e se encerra com a cantiga que antecede a saída do Boi, da tolda para o terreiro, cantiga que outra coisa não é senão o "Romance do Boi Surubim", registrado por Silvio Romero às pags. 231/232 dos "Cantos Populares do Brasil" e no "Cancioneiro do Norte", de Rodrigues de Carvalho, à pag. 238, com o nome de "O Boi Adão".

Este bezerro nasceu, ôh, mamãe

no curral da Dependença,

JAPERI ARAÚJO

filho de uma vaca velha, ôh, mamãe

Chamada ela Paciência.

Ele nasceu, de menhã, ôh, mamãe

a meia-dia se assinou

às quatro horas da tarde, ôh, mamãe

quatro touro ele ispaçou.

Passando pel'um sobrado, ôh mamãe

uma dona me chamou:

— Que vendê o Surubim? ôh, mamãe

três conto de réis eu dou.

Seu dono ficou calado, ôh, mamãe

e o touro foi quem falou:

quatro conto e setecento, ôh mamãe,

seu dono já enjeitou.

É um verdadeiro desfile de loas e baianos, romances e louvações, dentro do mais rigoroso estilo popular algumas dessas cantigas inspiradas em temas de quase duzentos anos, outras, mais velhas ainda, perdendo-se na nebulosa poeira dos séculos.

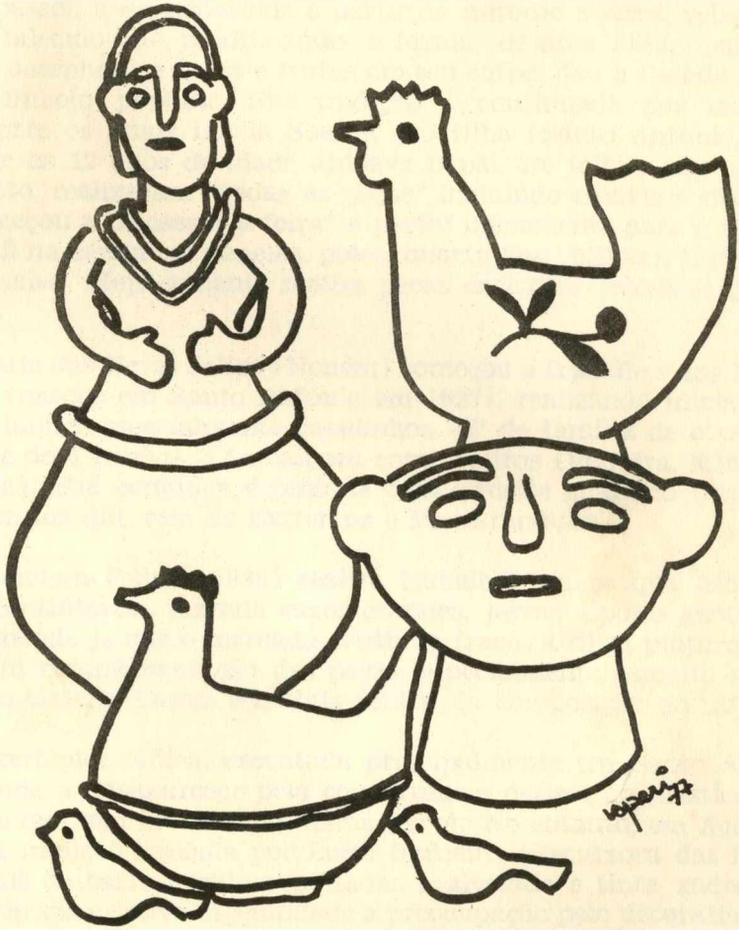
Por isto nos aventuramos a reivindicar para o Boi Calemba do Rio Grande do Norte o título de mais autêntico do Brasil, não só pela maneira de suas apresentações, mas, sobretudo, pelo repertório de suas cantigas, sem mudanças nem inovações, antes, tocadas de comovente fidelidade as suas raízes mais longínquas.

FUNCIONALIDADE E LÚDICA NA ARTE POPULAR

IAPERI ARAÚJO

O artista popular, redescoberto pelos críticos e estudiosos tem ciência exata dos limites de sua capacidade. O útil, o funcional, desempenham ações exatas no seu mundo. A cerâmica, uma das manifestações mais arcaicas da criatividade de base popular resguarda ainda as marcas tradicionais do barro amassado pela mão indígena como forma de utilização da terra para seu conforto e utilidade. Da mesma argila, funcionando como elemento integrante da vida, o artista popular extrai os jogos. Lúdica infantil, cenas cotidianas para aprendizado de gestos e tradições. A separação entre o lúdico e o funcional, perfeitamente identificada na utilidade, deixa de existir nos aspectos criativos. Os elementos artísticos, as composições de esculturas, a pintura variando em tons primitivos e quentes, denunciando a formação cultural do nosso homem na vivência tropical de sua vida.

A cerâmica utilitária no Rio Grande do Norte espalha-se em todos os municípios, com variantes de formas e composição, na dependência da argila em sua fonte e textura. Alguns sítios fogem do lugar comum do vasilhame aberto e rude, arremedo do recipiente dos aborígenes menos aculturados e criativos. Açu, Santo Antonio dos Barreiros, Gangorra em Santo Antonio do Salto da Onça e Caicó são locais onde a utilitária sofreu modificações sensíveis pelo caráter estético servindo à funcionalidade. Em alguns locais como Serra Negra do Norte, a criatividade forjou dentro de elementos tradicionais, novos aspectos dentro do estético da utilitária. A utilização de folhas verdes de determinadas plantas, quando da "queima" da cerâmica, "abafando-as" no forno para obtenção de um colorido negro, especial. Em Gangorra, a cerâmica avermelhada da queima recebe um tratamento posterior, decorativo, usando-se um barro vermelho denominado "toá" (tauá em tupi significa barro vermelho) para desenhos decorativos nas cerâmicas e que depois da segunda queima adquirem uma coloração branca. Os elementos decorativos são especialmente folhagens e flores. Simples desenhos partindo de círculos que são sobrepostos excentricamente, as flores, populares e tradicionais, denotam o cuidado e o apuro estético do artista popular na sua composição utilitária. Já as folhagens obedecem a esquemas tradicionalmente denominados de fecundos, pela dicotomização e pela ordenação fálica e bestial, revivendo os mistérios eleusianos.



Em Santo Antonio dos Barreiros, município de São Gonçalo do Amarante, a tradição de olaria é tão marcante que modificou o nome do Santo que batizou o lugar. Ali também, a cerâmica que após a queima adquire o tom branco areia, recebe um tratamento especial com folhagens, flores e frutos pintados a esmalte sintético na pura cor quente e agressiva do popular nordestino. A tradição da cerâmica utilitária de Santo Antonio passou a ser conhecida a partir de Antonio Soares, velho ceramista já falecido que, modificando a forma de uma bilha para um galo com desenhos de flores e frutas em seu corpo, deu à Cidade do Natal seu símbolo popular. Sua tradição é continuada por inúmeros oleiros entre os quais Lucila Soares, sua filha (Santo Antonio, 1928) que desde os 12 anos de idade ajudava o pai. De início, segundo seu depoimento, realizavam “todas as peças” incluindo caxixis e utilitária, mas “começou a fracassar a feira” e partiu unicamente para a elaboração do útil na cerâmica: painéis, potes, quartinhas (bilhas), tijelas, terrinas e bacias. Hoje somente realiza peças de lúdica (caxixis) por encomenda.

Maria das Neves Felipe (Neném) começou a trabalhar aos 10 anos de idade (nasceu em Santo Antonio em 1927), realizando inicialmente peças de lúdica, especialmente cavalinhos. É de família de ceramista, sendo que de 4 irmãos, 3 trabalham como oleiros (Palmira, Miriam e Chiquinha). Sua cerâmica é pintada com esmalte sintético (“tinta de porta”) ou toá que vem de Extremoz e Massaranduba.

Francisca Felipe (1938) realiza trabalhos quase que exclusivamente em utilitárias, fazendo vasos grandes, jarras e potes geralmente por encomenda já que o mercado continua fraco. Utiliza pintura decorativa para complementação das peças, especialmente esmalte sintético quando elabora florais e frutais dentro da composição do utilitário.

A cerâmica lúdica, executada principalmente em Santo Antonio e Açú, tende a desaparecer pela concorrência desleal do plástico e do polietileno que tem invadido as feiras livres. No entanto, em Açú, conserva-se a tradição iniciada por Luzia Carneiro, precursora das figuras tradicionais de barro cozido e pintadas à alvaiade e tinta xadrez, denotando em sua criativa ingenuidade a preocupação pelo decorativo e estético. Seus pastores a cumprimentar o Deus-menino com o chapéu na mão guardam muito da cerâmica tradicional portuguesa. No entanto, revela-se uma artista tropical, brasileira, nos animais e nas lutas, onde onças malhadas, cobras encantadas e pássaros, participam com o homem das imagens do Nordeste. Falecida há 3 anos, a sua arte continuou por intermédio de duas outras ceramistas açuenses, Joana Ba-

tista de Macedo e Tertuliana (Liana) Saraiva de Macedo que recriaram suas imagens com o dom que o artista popular possui de reviver as imagens de tradições e de figuras na ingenuidade do seu mundo. Luzia Carneiro continuava a tradição familiar já que era irmã de santeiro da Varzea do Açú. Liana e Joana, criaram figuras que apesar da idade avançada de ambas, denotavam a jovialidade do espírito, pelos caracteres ingênuos da arte que produziam. Dificilmente consegue o pesquisador menos avisado, distinguir um trabalho de Luzia Carneiro, das outras duas ceramistas. No entanto, com a habilidade manual mais evoluída, Luzia Carneiro conseguia pintar olhos e boca de seus personagens com a mesma tinta que os vestia. Liana e Joana, mais idosas (ainda sobreviventes) utilizavam o lápis de grafite para marcar olhos e boca, distinguindo-se assim as obras de uma e outra.

Os caxixis de Santo Antonio não têm a criatividade das ceramistas açuenses. Animais de carga, bois, cabritos, lagartos e cobras, vaqueiros e tangerinos são despidos de outra roupa que não sejam leves tons de tinta dispersos como "pintas" ou folhagens e florais dispostos no dorso e lombada da carga de animais.

Busca o artista popular sua identidade com a cultura que o fez. A cerâmica utilitária guarda na forma a presença indígena, reforçada pela participação portuguesa e africana nos elementos decorativos e imaginosos, denotando os mistérios eleusianos de nossa cultura popular.

A lúdica reveste-se da ingenuidade da cerâmica portuguesa, denotando a participação genuinamente nacional nas cenas e figuras do cotidiano quando o homem enfrenta animais domésticos e selvagens na colonização do seu mundo e de sua arte.

Participando da festa alegórica de cor e sentimento, o artista popular recria as cenas de sua vida como o primitivo habitante fixava nos lajedos e nas grutas do interior, o conteúdo mágico do seu misticismo como forma de posse e de vitória oferecida em holocausto ao Deus vivo.

Sendo a cerâmica uma das manifestações mais arcaicas da criatividade de base popular, seu estudo vai identificar no homem a presença dos elementos do seu mundo e na sua vivência, a constância das tradições que fixam sua presença na vida dos sertões.

A GÍRIA DA JUVENTUDE

Protasio Melo

Sendo, na maior parte, criação da juventude estudantil, entra muito de humor e crítica na gíria dessa fase etária. Pode-se ver isso perfeitamente pelo modo como os jovens se referem aos seus aborrecimentos e dificuldades, como também às causas que os motivaram.

Se um jovem aborrece outro, ouve do colega: "Você enche" e, com humorismo, acrescenta: "Você enche pneu de trem", "bola de vidro", "saco de filó". Querendo livrar-se do chato, o jovem diz: "Sai do meu pêlo", "Vai em frente", "Afasta, boi". Numa crítica ao espiritismo que, por influência do catolicismo é sempre ridicularizado, ouve-se: "Vai baixar noutra lugar" ou "vai baixar noutra sessão". Estando o colega zangado ou afobado, é possível escutar-se: "Fulano está mordido", "acordou pelo avesso", "está ariado". O rapaz que teve a infelicidade de desenvolver uma personalidade enfadonha é um "porre", "bolhudo", "cri-cri" "o fim" etc. Convém lembrar que esta terminologia é profundamente afetada, cada dia, pela TV, rádio, cinema brasileiro, revistas e militares que aqui chegam do sul, trazendo seus filhos jovens.

O aconselhador poderá tentar mitigar as angústias de seu colega usando expressões, tais como: "Deixa pra lá", "fica na tua", "deixa correr frouxo", "manera", e, numa atitude de encorajamento: "Arrocha negão", "manda brasa", "vai que mole", e outras muitas.

As despedidas são rapidísimas e influenciadas pelo inglês e pelo italiano. "Bye-bye" e "Tchau" (do italiano CIAO), são expressões ouvidas quase diariamente, mesmo por pessoas de faixa etária mais avançada.

Na área da admiração, são variadíssimas as inovações. O muito bom é "imoral", "rã", "o máximo". O ruim é "o fim", "a grossa", "anedota". Tratando-se de uma moça bonita, que passa, vem a praga: "Dia-bo te leve pra minha cama". Outros não resistem e dizem: "Vou dar um desmaio".

O adúlador é sempre odiado pela juventude, que ainda está um tanto pura. É olhado com desprezo total e taxado de "baba ovo", "xeleléu", "puxa-saco", "jogador-de-confetti". A certeza de alguma coisa e

“batata,” “positivo”, “na hora”. Como “bolhufas” e “só sábado” negam tudo, assim como, com a mão levantada, exclamando: “Olha o dedinho dizendo não”.

No âmbito das armas ofensivas, predomina a gíria dos criminosos. Os nomes são os mesmos influenciados por diferentes vias. O revólver é “pau-de-fogo”, “máquina de fazer defunto” ou “queimante”, a faca é “lambedeira” e a navalha “aço” ou “gilete”.

O jovem que amanhece zangado, amanhece “pelo avesso”, se está atento é “aceso”. Se espreita alguma coisa está “a apigorar”. Despreza “botando no gelo”. Se tem pose, tem “cancha”. Se é serio é “cara dura”. Não pagando nada numa mesa de bar, é um “cerrea”.

Se o jovem é confuso é “cheio de dedos”. Se vence em algum setor, “está com a macaca” e, falhando, “bate fofo”. O mau colega que não dá nem paga nada é “amarrado”, “pão duro”, “pica fumo” ou “seguro”. Quem não tem sorte é “cristo”, “leva na nuca”, tem “pissica”, é “pé de melão caetano no inverno”.

Imensa é a quantidade de termos que expressam beleza entre os moços. O rapaz, entusiasmado com uma moça bonita, assim se expressará: “Aquela coisa”, “aquilo bom”, “bacana”, “bandidona”, “barato”. O rapaz bonito é “bolacha”, “checado”, “coisa fofa”, “coisa do outro mundo”, “divino”, “enxuto”.

Para expressar seus sentimentos com relação a alguma coisa que gostou, o jovem dirá: “Adorei”, “bárbaro”, “show”, “chesmado”, “do chapéu cair”, “estouro”, “genial”, “legal”, “leguete”, “estou humilhado”. Se a coisa é certa “está nō papo”, é “OK”, é “tudo azul”.

O estudante, em boa situação financeira, bebe uma “bia”, uma “ampola” ou uma “loura suada”, para cerveja. Se é mais pobre e não tem dinheiro para a cerveja, entra na “cana”, que é “birita”, “branquinha” ou “meropeia”. Na mesa, servem-lhe “chêpa”, “gororoba”, “sarro” ou “chap-chap” (influência americana da guerra). O estudante pobre ainda faz um lanche de “moroque” pão — com “jacuba” (refresco).

No terreno das comparações sempre há exageros. Uma coisa ou uma mulher bonita é “de parar o trânsito”. O jovem ou a jovem muito vista é “bolacha” ou “roda mais do que pneu”. Telefonar é “bater fio” e para concordar “encaixa”, “agora e na hora”.

Descrevendo um final de festa onde houve uma briga, ele diz: "Houve um bafafá", "um burburim" uma "bagunça". Quem briga com palavras apenas "bronqueia" e quem se mete numa enrascada "entrou numa fria", "numa melação" ou num "esparro".

O sabichão "entende do riscado", "mora no assunto", "tira o serviço". Quando não entende de nada, "não está por dentro da jogada" nem "entende bulufas". Uma conversa animada é um "bom plá". O jovem, entretanto, não conversa. "Bate papo" ou "bate caixa". Conversa fiada é "blábláblá". O mentiroso "chocalha", "chuta" ou tem "papo furado".

O corajoso, que tem iniciativa e não teme caretas, faz a coisa "no peito", "na raça", "na marra". É "peitudo". O covarde é "égua" e "galinha". O ladrão é "xelelento", "lalau", "mão de seda", "mão de gato". O malandro, "maracatu", "maloqueiro", "tora". Desafiando alguém, ouve-se, "comigo é no filó", "e aí". "E daí?" "Não quero nem saber se pata põe". O descarado é "cara de pau" ou "cara lisa".

Se o diretor da escola ou o chefe chama o estudante para admoestá-lo, ele leva um "chá", um "esculacho" ou uma "chamada". O ignorante ou quem nada sabe de um assunto, está "cansado", ou "por fora" e, quando não acredita no que ouve, retruca: "Diga que é mentira". O desonesto "afana", "faz baianada", "godela", "faz sujeira". Se está em dificuldade, tem um "abacaxi" pela frente. "Está atolado", "a farra está quente", "caiu numa fria", "está lascado" ou "pebado".

A mola do mundo, o dinheiro, tem uma gama considerável de expressões para designá-lo. As mais usadas: "Abóbora", "abobrinha", "algum", "ana", "arame", "cacau", "cabra", "capim", "denden", "tutu", "grana" etc. O papel moeda também tem sua terminologia. "Cabral" é nota de mil, "chapéu amassado", 10 cruzeiros antigos, "Dom João", 200 cruzeiros antigos, "enforcado", nota de 5 e 200 cruzeiros, "duas fema". Quem não tem dinheiro está "liso", "duro", "durão" "fino", "na casca". O contrário é "recheado" ou em "maré boa".

Brincadeira, num sentido geral, é "charanga". Dançar é "balançar o esqueleto" ou "ir a um embalo". Um parque de diversões é um "mafuá" e, havendo dança é uma "chimba". Um jovem muito doente está se "dismilinguindo". A moça que desmaiou teve uma "turica", "louriana", "troço" ou "coisa". Coceira é "xanha" ou "xiranha". No caso da moça ou rapaz estar sofrendo das faculdades mentais está "abi-

laidado" ou "abiscoitado". Se é tolo é "babão", "biruta", "boboca", "cara de papelão", "tapirado". O elegante é "superbacana", não sabendo se vestir é "jegue". O mau colega é "fuxiqueiro", "fofoqueiro", "chafurdento". Se entrou numa "quizumba" (briga) e está em dificuldade, "está vendo alma". Um erro para um jovem é uma "catástrofe" ou um "desmantelo".

Os bons alunos e os estudiosos não escapam à crítica nem à inveja dos companheiros vagabundos e, mesmo sem ser vagabundos, apenas a condição de humanos que os unem. O amigo dos livros é "caxias", "cobra", "crente". Quem é reprovado "leva pau" ou "bomba", "se lasca", "se fotografa". O mau estudante, do mesmo modo, não escapa: "É bolhudo", "cavalo" ou "grosso". O professor exigente é "fora de série" (influência da TV sulista), "carne de peçoço", "caxias", "rançoso". Uma lição fácil ou coisa fácil é "água", "barbada", "chá", "besteira", "galinha morta", "maná".

O jovem, na sua exuberância e energia de vida, usa expletivos, pequenas frases de reforço, invencionices, sem qualquer significação, exceto um extravasamento de entusiasmo. Ouvimos, algumas vezes, quando dirigíamos o Colégio Estadual do Rio Grande do Norte — o velho Atheneu —, expressões como essas: "Clareia a areia", "essa não, mané", "sai de mim, abacaxi", "essa não, que eu tomei leite", "vai te desfiltrando", "sai do meu pêlo", "blábláblá" etc.

As pobres moças, que a sorte não ajudou, em aparência física, destituídas de beleza ou elegância, são desapiedadamente taxadas de "bofe", "briga de foice", "canhão", "cara de bonde" e "cara de pau". Ou ainda, para ridicularizar, dizem o contrário: "É a bonita", é "a bela". "Essa aí casou-se hoje". O homem feio é, na linguagem dos moços, "famêgo", "monstro", "trem virado", "pão dormido", "macaco" e muitos outros.

Muito curiosa também é a maneira como os estudantes se dirigem às outras pessoas e aos colegas. Dessas expressões, que chamamos Formas de Apelação em Antropologia Cultural, destacamos: "Bai-xinho", "amigo", "coisa feia", "ei, negona", "gente fina", "maracatu", "meu chapa" (do inglês CHAP), "ma flé", "negão", "neguinha", "ofélia", "poeta", "cara", "bicho", "mestre", e várias outras mais, o que torna a nossa maneira de comunicar altamente saborosa e pitoresca. Naturalmente a escolha do termo depende do grau de intimidade entre os falantes.

Um rapaz forte é um “monstro” ou “animal”. Mas, se fracassar em alguma coisa ou empreitada, “bateu pino”, “bateu fofo”, “boiou” “carrcou”, “entrou pelo cano”, “enterrou”, “estrepou-se”, “minchou”. O rapaz sem coragem é “molengas”, “besta”, “carne de arara” etc.

Na época atual, quando está muito em voga a fuga entre a juventude, ouve-se, em vez de fugir: “Dar no pé”, “dar nos calos”, “desaparecer”, “ganhar os bredo”, “ganhar os pau” ou “ganhar o mundo”.

O físico e o corpo não escapam à maledicência do adolescente. A cabeça é “caixa do controle” ou “cuca” (influência da TV sulista), o joelho é “bolacha”, o esqueleto é “carcassa”, as nádegas, “consciência”, “maleta” ou “consolo”, o bigode é “escovão”, o cabelo grande, “juba”, a dentadura “móbia” e o tornozelo, “mocotó”.

Se um adulto aparece e, por qualquer motivo, irrita os moços, especialmente fazendo comparações entre o passado e algo que está sucedendo no presente, e, que não lhe agrada, logo dizem: “Ele é de 12”, “já era”, “coroa”, “muito antigo”.

O elemento — rapaz ou moça — que é metido a importante, pensa que é “o tal”, quer ser “pé de porca”, quer ser “o que a folhinha não marca”.

Quem está infeliz, por qualquer circunstância, “está na fossa”, “está roendo”, “tem dor de cotovelo”, “é mole”, “está miando”.

A mentira é “bafo”, “barriga”, “bossa”, “chute”, “corina”, “danda”, e “lorota”. O mentiroso é “enrolão”, “só tem papo”, “conversa fiada”, ou tem “um bafo lesa”.

Os militares, sem qualquer intenção ofensiva ou de ridicularizar, mas apenas uma crítica normal, são conhecidos na gíria do seguinte modo:

Soldados em geral — “Ingratos”.

Soldado de polícia — “macaco” ou “polidoro”.

Guarda de Trânsito — “Morcego”.

Marinheiro — “Tapioca”.

Rádio Patrulha — “Bonitinho”.

Soldado do Exército — “Periquito”.

Nosso destino final, a morte, embora respeitada e temida, não escapa à gíria. Se morre alguém não muito íntimo ou querido da moçada, dizem que o fulano “abotoou”, “abotoou o paletó”, “apagou” (Rio de Janeiro), “bateu as botas”, “bateu o motor”, “lascou-se”, “fotografou-se”, ainda algumas impublicáveis e muitas outras, mais inocentes. Quem morre, “endurece”, “empacota”, “foi arquivado”, “fechou o paletó”, “gurufinou”, “pifou”, “queimou o fuzil”, “saiu da órbita”, “vestiu o pijama de madeira”.

No namoro e assuntos relacionados, grande também é a quantidade de palavras usadas. Namoro é “arranhado”, “chibação”, “chamego”, “chuprego” e “paquera”. Namorar é “chocar”, “dar nó”, “linhar”, “mandar brasa”, “paquerar” (influência do sul do Brasil). O “acendedor de vela”, atrapalha o namoro, o que ajuda “corta jaca”. O que leva um fora, embora “arriado” ou “gamado”, é “chulado”. Se um velho tenta namorar uma jovem estudante é possível ouvir-se, por parte da moça: “Quem gosta de velho é panela de pressão”, “bengala”, “museu” ou “quem gosta de coroa é rei”.

Se, ao contrário, o candidato é muito moço, ela dirá: “Quem gosta de menino é abrigo” ou “jardim de infância”. O namoro “arrochado” — isto é, com muitos beijos e *outras coisas*, é “sarro” ou “pisa”.

A negativa é “eu vou 10”, “eu vou que é fácil”, “não dá pé”, “necas”, “nem água”, “tomou linha errada”.

No início de conversa, logo depois de feita a abordagem inicial, vem necessariamente a pergunta sobre as novidades do momento, e dizem: “Qual a bronca?”, “a chinfra?”, o “problema?”, o “galho?”, o “pó?”.

Os objetos de uso pessoal ou da casa, recebem as mais variadas denominações.

Qualquer objeto — “bagulho” ou “breguesse”.

Pulseiras — “algemas”.

Óculos — “bicicleta”.

Relógio — “bobo” ou “buso”.

Sapato — “bute”, “pisante”.

Colar de ouro ou metal — “corda”.

Telefone — “macaco”.

Anel — “dedeira”.

Bolso pequeno da calça — “grilo”.

Camisa — “mimosa”.

Rádio — “papagaio”.

E muitos, muitos outros termos são empregados para designar as coisas simples à nossa volta.

Se um jovem gosta de alguma coisa, “adora milhões”. Se não gosta, “não dá a mínima”, é “parangolé”, é “troço”. O oportunista é “garapeiro”, “tira casca”, “vai no mole”.

A pederastia, hoje, infelizmente, um tanto comum entre a juventude em todo o mundo, recebe sua repulsa com os epítetos seguintes: O pederasta passivo é “Alfredo”, “baitola” “bicha” (influência carioca), “bichanilda”, “boneca” e “boy”. Praticar a pederastia é “cair do banco”, ou “cair no boréu”. O ativo é “fanchono” (denominação antiga, que ficou); se ambos, é “gilete”. Às atitudes dos pederastas, chamam os jovens de “veadagem” ou “frescura”.

As diversas personalidades e pessoas, todos, são registrados na gíria dos adolescentes. O acanhado é “cachorro em meio de carga”, a cozinheira, “aero-moça de fogão”, a menina inocente, “água com açúcar”, o matuto, “arigó”, o moderno é “avançado”, a beata “barata de igreja”, o exigente é “barreira”, o intrometido, “mieira”, o tolo, “bobão”, o chato, “bolha” ou “fecal”.

A polícia, órgão de repressão e vigilância da sociedade, embora mantida pela mesma, é odiada e criticada em todas as partes do mundo. Não escapou entre nós. O policial repressivo é “borogodó”, “pé rapado”, “samango”, “quadrado” e “tira”, termo usado em todo o Brasil. A polícia é “dona justa” (Rio), ou “íngrata”. A prisão é “gaiola” e “xilindró”. Quem foi em “cana” foi preso e “vai ver o sol quadrado”.

Quando aborrecido por um colega ou incomodado por alguém, o jovem poderá dizer: “Vai jogar pedra na lua”, “lamber sabão”, “penteiar macaco”, “home vai pra PQP”, e muitos outros mais ou menos impróprios.

Na área da prostituição é muito rica e variada a gíria. O cabaré ou “rendez-vous”, como se diz ainda em Natal, recebe os pitorescos nomes de “beléu” ou “beréu”, “casa de mãe”, “casa de mãe benta”, “castelo”, “crime”, “escola”, “recurso”, “ferro”, “freje” (cabaré de classe baixa), “gango”, “matadouro”, “rango”, e “mikimba”. O local do meretrício é “zona” (antigo), ou “puteiro”. A prostituta é “biraia”, “borboleta”, “boneca”, “kiba”, “isca”, “vaca”, “quenga” e “liberal” (recente). A moça de programa, ainda não prostituta oficializada, é “galinha”, “guerreira”, “piranha”, “pistoleira”, etc. A mulher que sustenta “macho” é “mina” ou “minaia”.

Quem reclama, “põe a boca no trombone”, ou “dá no bico”. O que recusa, grita: “Eu estou acordado”, “isola”, “não dá pé”, “rebarbado”.

A coisa ruim tem inúmeros nomes. Pode ser “bofota”, “bomba”, “droga”, “frasqueira”, “podre”, “lofota”, “peloá”, reeira”, “troço” e “xaropada”. O sujeito ruim é “bonzinho”, “cretino esférico” e “não paga nem água”.

Na faixa dos transportes coletivos, entra muito de humor. Carro velho é “calhambeque”, “caranha”, “fobica”, “lata velha” e “sucata”. O mau motorista, “barbeiro”, “cangueiro”, “tramba”. O caroneiro, se não quiser “gramar” (andar a pé), “contar os postes”, ou “ir no onze”, pega uma “carona” ou um “lugu”.

O contador de vantagem tem muita “guela” ou “garganta”, e, se obtém mesmo o que pleiteou, “lava a burra”.

A vestimenta, embora nos acompanhe todo o dia, não tem muitas palavras para classificá-la, contrariamente aos vícios, o que entendemos como uma própria resultante da condição humana.

Começemos pelos vícios mais inocentes. A cerveja, além dos termos já citados, é “arco-iris”, “loura”, loura suada”, “geladinha”. A cachça, “aço”, “bicha”, “bira”, “branquinha”, “caeba”, “mata-bicho”, “mata guarda”, e “mé”. A maconha — aliás muito em voga hoje em dia, em várias faixas sociais, — toma as designações de “beata”, “ampola”, “bola”, “boneca”, “docinho”, “cheiro”, “chá”, “chainho”, “chainho de bolo”, “cristina”, “diamba”, “coisa”, “muamba”, “pesada”, “pororoca” e marijuana”. A pessoa, sob o efeito do álcool, está “quente”, “bebum”, “betrum”, “cheio de pau”, “de cuca cheia”, “encheu a cara d’água”, está “com coisa na idéia”, está “cheio de meropeia” e dezenas de outros termos profundamente lógicos e jocosos.

Sob o efeito da maconha, mil vezes pior do que o álcool, o jovem está “chibabeiro”, “doidão”, “ligado”, “muito louco” etc. E daí, sob esses efeitos perigosos, o rapaz ou moça, se “avacalha”, “provoca bolo”, “dá bronca”, “engrossa”, “sai pra pitomba” e finda levando “muqueta no ouvido”, “peteleco” ou “créu”.

Como resultado disso tudo, vem depois, como é natural, a zanga e o arrependimento e então o sujeito fica “comendo touro”, “comendo galo”, “com o bute”, “fica fera”, “fica por conta”, “areia” ou “fica fuzilando”.

Neste trabalho sobre a gíria natalense, verifica-se aquele fenômeno em outros trabalhos dessa natureza: persistência de expressões, desaparecimento de outras, em períodos de tempo, maiores ou menores, surgimento de novos termos, motivados por imperativos sociais, políticos, econômicos e estéticos e entrada de alguns, definitivamente, para o léxico do Português do Brasil.

Da pesquisa realizada, um dos fatos mais curiosos, foi o aparecimento de inúmeras palavras de gíria para maconha, acontecimento verificado depois de 1970, o que indica, claramente, a difusão do vício entre a juventude mundial e do Brasil, nestes últimos anos. Nenhuma expressão para maconha foi encontrada em períodos anteriores a essa década. Verificou-se também grande influência sulista na nossa fala, resultante da facilidade de comunicação e da vinda de militares que para aqui se deslocaram e também do rádio, TV, revistas e outros veículos de influência.

É assim a gíria um fenômeno linguístico curioso, atraente, e que dá, quando bem dosada, durante a conversação, um sabor todo especial à frase nos entendimento entre os moços. O campo é vasto e aí fica a sugestão para novas pesquisas sobre o tema.

SERRAÇÃO DA VELHA

Raimundo Nonato

O tradicional motivo da “serração da velha” deixou poucas memórias, pois são escassas as suas referências entre os nossos folgedos populares.

De quanto a respeito dela se menciona, são escassas as notícias escritas, os registros, as anotações na crônica.

A folgança tão comum entre outros recantos do Brasil só se fixou nas letras norte-rio-grandenses, no trabalho de Câmara Cascudo e na fonte da tradição oral, isso mesmo, no último caso, através de informações passageiras de um ou outro remanescente, que a ela se reporta, entre os fatos de seus dias passados.

Assim é que os maís velhos contam que ouviram dizer de outros que, em Natal, nos tempos idos, a “serração da velha” constituía divertimento popular, uma espécie de pândega, festa do povilêu, da arraia miúda, solta pelas ruas. A festa não passava da assuada de grupos encapuçados, de onda de foliões pitorescos que corriam ou saltavam, azucrinando os pacatos moñadores com berros, gritos e soturnos sons de instrumentos que acompanhavam o estribilho:

“Serra a velha,
Força no serrote,
Serra-se a velha,
Dentro do pipote”.

Pelos lugares do interior suas referências também são pequenas. Já a cidade como Mossoró tão rica de tradições e de registros não aponta na sua crônica roteiro da festa do serra-a-velha. Trabalho de importância como o de Francisco Fausto não lhe aponta a menor referência, nem ouvi falar que Romão Figueira lhe fizesse menção. Numa brincadeira dessas refere Ioiô Miranda que a velha Maria Alves jogou uma lata de imundícies no dr. Silvério Figueira.

A ausência é de estranhar, vez que o divertimento português era tradicional e sua usança e popularidade era comum, em muitos lugares, a ponto de, tratando da colônia, encontra-se largamente mencio-

nada no livro "O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS", de Luiz Edmundo, um dos donos, com Vieira Fazenda, das memórias da cidade de São Sebastião.

O documentário em apreço faz registro, apresenta fatos e a descrição da burlesca folgança com que no vigésimo dia da Quaresma — dia por todo mundo aberto como uma folga aos rigores da penitência — grupos indiscriminados de pessoas que corriam nas ruas principais da cidade com algazarra de ensurdecer, conduzindo a pipa do desespero, arrastada em cima de um estrado com rodas. Em certos lugares, que já haviam marcado, a chusma estacionava para fazer a "serração da velha", que ali morava, quase sempre com protestos e desaforos do dono da casa, molestado com a brincadeira debochada.

A manifestação natural desses protestos, a malta assanhada revidava com gritaria ainda maior, a que se misturava o barulho do serrote que entrava em funcionamento, enquanto malhavam com violência a barrica e batiam em latas. No interior das moradas, a situação era, às vezes, dramática, pois as pobres velhas se escondiam pelas camarinhas, em pontos mais obscuros, temerosas de que pudessem ser agarradas para o ato real daquela execução.

Para operação em outra casa, afastavam-se os serradores, e lá se iam em correria pelas ruas e pelos becos, sempre arrastando a pipa e fazendo o coro:

"Serra, serra, serra a velha
Puxa a serra, serrador,
Que esta velha deu na neta
Por lhe ouvir falar de amor...

Serra, aí, serra; serra a velha!
Puxa, puxa aí, serrador,
Serra a velha, aí, viva a neta
Que falou falas de amor.

Serra! — a pipa é rija,
Serra! — a velha é má.
Serra! — a neta é bela,
Serra, — e serra já."

Em muitas casas, que não eram vítimas da brincadeira, os moradores davam pratos de iguarias, bolos e repastos para os foliões, que iam guardando para o fim da noitada. E mais tarde, em algum ponto onde paravam, destampavam a pipa, retirando do seu interior as comidas recebidas, que eram devoradas pelos chefes, glutões vorazes, aos olhos esfomeados do restante da malta, que não era contemplada com a distribuição da comilança, e não podia ser, pois não bastava para tantos.

Mas não era só na cidade dos Vice-Reis que o divertimento era conhecido.

Do outro lado, do extremo norte, estudando costumes, crendices e superstições da Zona Bragantina, no Estado do Pará, registra Armando Bordallo Silva, no Boletim do Museu Goeldi, — *Contribuição ao estudo do folclore amazônico* — um vasto repositório de fatos entrelaçados ao ciclo do carnaval, onde assinala:

“Serra-a-velha é uma diversão promovida durante a noite das últimas quartas-feiras da Quaresma. Rapazes estouvados postam-se à porta da casa de uma pessoa encanecida a fim de procederem ao inventário dos bens que possui ou dos que foram imaginados na ocasião. Levando serrotes, latas, “onça” (pequeno tambor cilíndrico, cuíca) e um gato preso num paneiro, os foliões aproximam-se, silenciosamente, da residência do velho ou da velha e com voz cavernosa chamam-no repetidas vezes. Quando os velhos respondem, rompem numa assuada infernal. Friccionam os serrotes nas latas, tocam a “onça”, torcem o rabo do gato que mia de dor, acompanhado pelo choro ruidoso dos foliões. A uma pausa, lêem aos gritos o testamento original e faceto: — “Deixo isto para fulano, aquilo para sicrano etc. Não raro a pessoa serrada desanda em impropérios, o que provoca maior alarido dos galhofeiros; redobram os gritos e choros, fazendo o gato miar, desesperadamente, serrando com maior furor as latas, acionando a “onça” no intuito de abafar as explosões de ira dos velhos. De inopino, abre-se a janela e um jato de água ou de outro qualquer líquido violentamente jogado, faz bater em retirada a rapaziada irreverente, a qual, rindo às bandeiras despregadas, vai para outra operação galhofeira”.

No ajuntamento dos serradores, certas funções a desempenhar são logo determinadas, como anota o pesquisador de Bragança:

“Cada um dos componentes do grupo é incumbido do desempenho de um papel. Há o chamador da vítima e do condutor do gato, que foi colocado dentro de um paneiro e com o rabo de fora. Há o da lata

com o serrote; o da campainha; as “carpideiras”, que choram e soluçam como de verdade; e o testamenteiro. Este é o principal personagem da comédia, às vezes dramática, e que tanta raiva provoca nas pessoas de ambos os sexos, que tenham atingido os 60 anos.”

Entre outros apontados por Armando Bordallo, sobre a “Serração das velhas”, em terras paraenses, não é demais que se lembre aquele do velho major, enfurecido, que saía para o meio da rua, empunhando um perigoso rifle calibre 44, catando os serradores que se acotovelavam, há tempo, lá pelos escuros do lado da Igreja de S. Benedito...

Guardo desse divertimento truanesco, a presença de um ato de “Serração da Velha”, ocorrido na Serra do Martins, numa casa do sítio de Vicente Cascavel, vai lá para perto de 50 anos.

O grupo dava sinais de identidade com os mesmos que foram descritos, verificando-se, só, que depois da retirada, deixavam um monte de terra na frente da casa com uma cruz enterrada ao meio.

Também era traçado no chão o mesmo símbolo. E na porta da casa, riscavam outra grande cruz de carvão, que, indicava mau agouro.

No “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Câmara Cascudo, há um verbete especial sobre a “serração da velha”, com origens, citações e forma do testamento.

“Serração da Velha” — No Brasil, conheceu-se desde princípio do sec. XVIII a cerimônia caricata de “serrar a velha” durante a Quaresma. Os dias variavam, indo até sábado de aleluia. Um grupo de foliões serrava uma tábua aos gritos estridentes e prantos intermináveis, fingindo serrar uma velha, que representada ou não por algum dos vadios do bando, lamentava-se num berreiro ensurdecedor: serra a velha! serra a velha! E a velha gritando, gritando. Vezes, ocorria essa comédia diante da residência de pessoas idosas e o grupo era repellido a cuias d’água ou mesmo a tiros de espingarda e de pistola. Noutras ocasiões, mediante convênio prévio, a súpica recebia bolos e bebidas, para a refeição do amanhecer. A serração era feita durante a noite para tornar mais sinistro o espetáculo.

Veza por outra, a serração da velha era feita fora da quaresma e com intenção política ou demonstração de desagrado, à porta de um chefe decaído ou derrotado nas eleições. Na década 1860/1870, a serra-

ção da velha foi desaparecendo e morreu de vez, depois de algumas aparições inopinadas.

— Meu filho, Fernando Luís da Câmara Cascudo, assistiu na Usina Pititinga, em Alagoas, no sábado de Aleluia, março de 1959, a uma serração da velha. Por essa época, a polícia do Recife recebeu incontáveis queixas e reclamações de pessoas ameaçadas ou distinguidas pela serração. Denúncias evidentes de sua contemporaneidade.

No Código de Posturas da Imperial Vila de Papari (Hoje, Nísia Floresta, no RN) de 1887, o § 3.º do art. 54 proibia: o brinqueado do serração de velhas, multa de 5\$000 (cinco mil réis na moeda do tempo) ao infrator”.

Nota — O “serra velho” continua atualizado no Nordeste. E, por maior que seja a vigilância policial, os “serradores” entram na faina brincalhona madrugada a dentro.

Merece ser transcrita, data vênua, notícia publicada na 1ª página do tradicional “Diário de Pernambuco”, sexta-feira da Paixão, 27 de março de 1970, respeitando-se os termos e nomes ali referidos.

“Grupo de rapazes do Espinheiro, Casa Forte, Casa Amarela e Vila dos Comerciantes, na madrugada de ontem, burlando a ação da polícia e “furando” um esquema previamente montado pela Secretaria da Segurança para reprimir a brincadeira do “Serra Velho”, estiveram “incomodando” muitos cidadãos residentes em Olinda.

Com latas de óleo, pedaços de madeira, sinos, canos de ferro, choalhos e apitos finos, os jovens saíram pelas ruas a partir das 3 horas da madrugada, provocando um barulho infernal. Estiveram com mais frequência no Espinheiro, em Olinda, onde algumas casas foram “visitadas.”

Enquanto o policiamento se concentrava mais nos subúrbios do Recife, a turma preferia os bairros e ruas de Olinda, Amaro Branco, Farol, Alto da Sé. A nossa reportagem acompanhou o “Serra Velho”. Ficou constatado que a brincadeira não perdeu o seu sentido e à medida que o tempo passa, ela se robustece no entusiasmo dos moços.

O sr. Jacinto Filgueira, residente em Olinda, à av. Amaro Branco, acordou com uns gemidos em sua porta. Parecia um choro. Dava a impressão que muitas pessoas estavam doentes ao mesmo tempo. Seu

Jacinto abriu a porta e viu oito rapazes batendo em latas e serrando outras que conduziam numa Rural Wyllis.

Imediatamente, os rapazes mudaram de residência, indo para outra que ficava vizinha à do seu Jacinto. O velho aí ficou assistindo ao “espetáculo”: gritos, gemidos, orações fúnebres e até um “inventário” que começava assim: Seu José o senhor está muito doente. Prá que tanta ganância, avareza e mesquinheza? O senhor não vai levar o que tem, este dinheiro todo que está no banco. Ave-Maria/ Cheia de Graça/ O Senhor é convosco/ Pai nosso/ Que estais no céu/ Levai essa alma para o Purgatório.”

Um jovem, de nome Amilton Dantas, 18 anos, residente na Vila dos Comerciários, com um terço na mão, fazia a “encomendação” do “cadáver” de seu José (José Luiz Siqueira), quando este resolveu abrir a porta e jogar água nos rapazes. Um jato d’água atingiu a nossa condução. O dono da casa riu muito e disse para o repórter:

— É isto mesmo, são crianças, têm direito de brincar. Eu também fui assim, fiz tudo isso quando era moço.”

A comitiva dirigiu-se para o Alto da Sé.

Na rua prof. Alfredo Alves, voltaram a “serrar” o dono de uma residência, que não abriu a porta. Ali o “espetáculo” teve início com uma “sinfonia”, segundo disseram os rapazes. Inicialmente, foi relatada a personalidade do proprietário da casa. Falaram nos bens do cidadão, Antonio Miguel Nunes de Oliveira, 56 anos. perguntaram-lhe para quem vai ficar o inventário. “E essas meninas tão lindas, prá que deixá-las no caritó?” Um rapaz leu trechos da Bíblia, disse poesias de Augusto dos Anjos, enquanto outro queimava incenso dentro de uma vasilha. Outro tocava lentamente, um sino, tipo de chocalho.

Por mais barulhento que estivesse o “serra velho”, ninguém da casa resolveu acordar, muito embora um cidadão da residência nº 56 tenha presenciado, calado, a brincadeira”.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE INSELENÇAS

JOSÉ GOMES NETO

À GUIA DE APRESENTAÇÃO:

Este trabalho, iniciamo-lo há mais de um ano¹, quando passava uns dias no sertão de minha família paterna. Antes, poucas vezes ouvimos falar em *inseleção*. É certo que, em tempos idos, aí mesmo em São Lourenço — quase pé da serra do Apodi — ouvimos admirado uma inseleção, cujos efeitos seriam afastar a seca do sertão.

Achamos interessante e digna de registro a manifestação de fé — constante intrínseca ao caráter sertanejo — das rezadeiras, desejosas de evitar um fenômeno meteorológico com invocações religiosas. Mas, a idéia mesma surgiu foi numa “boca de noite”, quando conversávamos ao alpendre da casa de uma das inúmeras madrinhas de fogueira de São João que temos em São Lourenço. Compreende-se: uma conversa puxa outra...

Sei bem que de estórias de crimes praticados nas veredas desertas daquele sertão, e de lobisomens que apareceram na *Carnaúba Torta*, surgiu esta, de inseleções.

Interessado pelo assunto, no dia seguinte, cedinho ainda, lá estávamos na choupana da “véia Chanda” — a melhor e mais respeitada rezadeira da região — a perguntar-lhe sobre inseleções. Àquela visita sucederam-se outras e a estas, o presente trabalho, enriquecido pela bibliografia de que dispúnhamos.

1 Escrito em 1964 e publicado dois anos depois, na Coleção Mossoroense, nº 91, Série B, sob o título de “Inseleções de Mãe Chanda”, este trabalho foi-nos solicitado pelo bom amigo Veríssimo de Melo, para nova impressão. Resolvemos, contudo, fazer-lhe algumas modificações, melhorando-o no que o tempo (in) disponível permitiu fazê-lo, atualizando-o, corrigindo-o até em alguns pontos.

Que se veja nestas observações — feitas inicialmente para manuseio do autor, e publicadas por insistência de amigos — apenas a colaboração de um curioso que deseja salvar os nossos costumes da obscuridade em que eles se perdem.

INTRODUÇÃO:

O sentimento universal de dor, provocado pela morte de um familiar ou membro do grupo social — o que reflete muito bem a impotência humana frente ao inevitável — tem gerado através dos tempos e em culturas as mais diversas, diferentes manifestações. Ora são elas expressas através de comportamentos individuais, ora manifestadas pelo grupo social mais intimamente relacionado ao morto, dando, assim, origem a inúmeros ritos funerários. Estes, variando de acordo com os princípios religiosos aceitos pelo morto e pelos que a ele sobrevivem, são costumeiramente dirigidos por sacerdotes, obedecendo aqui a normas ortodoxas, ali, a modelos já incorporados à cultura grupal, pela tradição com que são repetidos. No primeiro caso, é o sacerdote a figura central da cerimônia funerária, servindo de intermediário entre o homem e a entidade religiosa, embora os amigos e familiares do morto dela participem, no limite permitido pelo ritual. No segundo caso, os próprios membros do grupo social a que pertencia o morto é que assumem a condução dos rituais fúnebres. Destes, constantemente está o sacerdote ausente, devido às dificuldades de comunicação, seja pelo reduzido número de padres em relação ao grande número de fiéis, seja pela rarefeita população em áreas via de regra geograficamente extensas.

Ausente o representante oficial da Igreja, substituem-no os membros do grupo, que na função são dirigidos pelas rezadeiras ou beatas, normalmente, as quais, mais das vezes transmitem o ofício aos descendentes, através de gerações.

Dentre as inúmeras variantes rituais, uma se destaca pelas características de que se reveste: a *inselença*.

INSELENÇAS:

Inselença, corruptela de *excelência* — há também as formas *excelença* e *inselência* — é canto entoado à cabeça dos moribundos, ou dos mortos, em velório. É costume as pessoas mais próximas do doente, ou falecido, passarem a noite em claro, na sala em que ele se encon-

tra, “fazendo quarto”. Aí, as senhoras mais religiosas, beatas até, entoam as inselenças. São geralmente súplicas à Virgem ou a São Benedito — os santos mais festejados e prestigiados do sertão nordestino — para que recebam a alma do morto, dando-lhe um bom lugar ao céu. Quando entoadas “ante-mortis”, o apelo ao moribundo para que se arrependa em tempo dos pecados que praticara.

Referindo-se aos ritos fúnebres populares, dos quais salienta-se a inselença, afirma-nos Wilson Lousada: “. . . parece indiscutível o sentido de representação dramática que assumem esses ritos fúnebres populares integrados em cadeia (tal como os eruditos), iniciada desde o momento em que a morte do indivíduo se revela inevitável até o instante final do sepultamento cristão. Todo o cerimonial dedicado ao defunto, inclusive lavagem do corpo, vestuário, postura, posição do cadáver em relação à porta da saída do recinto funerário, etc., conjugado às orações recitadas ou cantadas durante o velório e o enterro, representaria diferentes etapas de um processo dramático em desenvolvimento, do qual seriam atores coadjuvantes a família, os amigos e os “profissionais” que conduzem o ritual. “Excelências” ou “beneditos”, preces outras diversas, lágrimas e gritos fazem parte do “drama” e atuam por certo como “mensagens” dos vivos ao Deus que deverá acolher o morto. Note-se, aliás, que essas preces são geralmente de caráter intercessório, isto é, intercedem pelo defunto em benefício de sua salvação eterna, pedindo para ele a graça de Deus e o perdão dos pecadores, e, em alguns casos, até, a prece é dita como se então falasse o próprio morto. Aos vivos, aos sobreviventes, essas orações não servem de conforto ou alívio, embora o conjunto da “representação”, inclusive nas possíveis manifestações de histerismo individual ou coletivo, se nos afigure no todo como verdadeiro processo catártico, válvula de escape para qualquer tipo de emoção até aí reprimida” (“Ritos fúnebres e excelências”. *Cultura*, Brasília. 11 (3): 104-14, out./dez. 1973, p. 113-4).

A crença popular entende inselença como “coisa sagrada”, razão por que há os princípios pelos quais as rezadeiras se regem, e o não cumprimento a eles é tido como falta grave ou desrespeito ao santo a quem se dirige a súplica.

A propósito, Getúlio César faz importante e elucidativo registro: “Retirando-se o cadáver para o enterro, no momento em que estão cantando uma Inselença, as cantadeiras acompanham o cortejo até terminá-la. Porque, dizem, quando se principia a cantar a Inselença, Nossa Senhora se ajoelha para só se levantar quando terminarem, e não sendo terminada, ela ficará de joelhos e o espírito, devido a esse desrespeito, não ganhará a salvação” (*Crenças do Nordeste* (s. r. b., p. 142).

INSELENÇAS E BENDITO:

Difere a Inselença do Bendito, por ser a primeira cantada à cabeça do moribundo ou falecido, enquanto que o Bendito deve ser entoado a seus pés. Esta, a diferença entre as duas manifestações religiosas, tal qual conseguimos coletar junto ao pessoal daquelas cercanias. Entretanto, segundo Mãe Chanda, quando são muitas as pessoas a participarem da *função*, estas passam a ladear o *encomendado*, e, conforme o caso, a cercá-lo, extinguindo-se aí a diferença entre ambos.

Alguns estudiosos, contudo, estabelecem como ponto diferenciador o fato de os Benditos serem sempre introduzidos com a palavra que lhes dá nome. Mas, tal característica não basta à particularização entre ambos, uma vez que, conforme veremos a seguir, há Inselenças principiadas com a palavra Bendito.

Temos razões para assinalar que a diferença buscada por tantos deve-se antes ao conteúdo que à forma ou maneira de apresentá-los. Na realidade, a Inselença é uma súplica ao santo, enquanto que o Bendito é-lhe um canto de louvor. . .

INSELENÇA E GEOGRAFIA:

O mestre Câmara Cascudo nos dá conta do uso de Inselenças na "Paraíba, Rio Grande do Norte e possivelmente noutros Estados" (Cf. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, INL-MEC, 1954, p. 225) e José Maria Tavares de Andrade (Cf. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, 16-7, 1969) registrou sua ocorrência em Pernambuco. No Piauí, na localidade de Campo Grande, o teatrólogo Francisco Pereira da Silva colheu de Maria de Lurdes, as inselenças seguintes (apud. Lousada, Wilson, op. cit. p. 109):

Inselença

Já deu meio-dia
o galo cantou
toca o sinal
e acompanha a música
assim como Deus mandou.

Inselença

Uma inselença das almas
Maria da Soledade
a Nossa Mãe é bendita
ó Dolorosa
Ó Mãe Imaculada.

(Repete-se até 12 vezes).

Inselença para anjinho

Maria rezava
com um anjinho de Jesus
ó Maria, só com uma luz.

*(Repete-se: com 2 luzes, 3 luzes,
etc., até 7 luzes).*

Na Bahia, Hildegardes Vianna coletou (id. ib.) em 1954, da informante Celina Maria de Jesus, de Catete, município de Irará, a inselença abaixo, aqui citada pelo seu particular valor lingüístico:

Incxelença

Uma incxelença a Nossa Senhora das Mercêi
Qui o difunto discanxe de veiz
Duas incxelença a Nossa Senhora das Conceição
Qui su'arma dele receba ais oração
Treis incxelença ao Alcanjo San Gabrié
Qui a su'arma dele seja a Deus fié
Quatro incxelença a Nossa Senhora dos Anjo
Qui su'arma dele arcate os alcanje
Cinco incxelença a Nossa Senhora Aparicida
Qui os seus pecado dele seja alborvido
Seix incxelença aos Orai pro nobi
Pais, suxcego, discanso in grória ao pai
Sete incxelença aos Orai pro nobi
Deu Pade perdoe suas ofensa dele (suazofensa)
Oito incxelença aos Orai pro nobi
Nossa Senhora guarde ele no seu selo
Noves incxelença aos Orai pro nobi
Deu Pade, Deu Fio tu abençoe
Deiz incxelença aos Orai pro nobi

Espírito Santo, perdão, miserilcórdia
Onze inexcelença aos (?) de Nossa Senhora
Peça adugências prus difuntes
Douze inexcelença aos Orai pro nobi
Per secoloro, per oni, amem
Grória ao Pade, Fio, Espírito Santo. Amén.

A Almeida Prado ("Trabalhos fúnebres na roça", *Revista do Arquivo Municipal*, V. CXV, São Paulo, 1947) refere-se à sua existência em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, afirmação esta que deve ser tomada com reserva em relação ao último Estado, já que, nestes sete anos em que aqui moramos nada pudemos detectar a respeito, malgrado nosso interesse no assunto.

Por outro lado, são inúmeras as fontes que registram a ocorrência de inselenças em Portugal. Dentre elas, citam-se Augusto César Pires de Lima (Cf. *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*), Jaime Lopes Dias (*Etnografia da Beira*, v. III) e Maria Alves de Lima (*Matosinhos; contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do Concelho*), em cuja obra se encontra a inselença seguinte:

Uma excelência que deu o Senhor
à senhora da Graça:
Ó Ave Maria, Cheia de graça,
Ó cheia de graça,
Ó de graça cheia.
Quando o mar abranda
o sol alumia,
deixá-lo alumiar,
que nasce na terra
e põe-se no mar.
Se ele se põe,
deixá-lo lá pôr
pelas cinco chagas
de Nosso Senhor.

DA ORIGEM:

Faltam-nos dados suficientes para a determinação da origem das inselenças. Aliás, a respeito pouco sabemos. Gonçalves Fernandes, por exemplo, em seu "O Folclore Mágico do Nordeste", afirma ser a inselença um dos inumeráveis costumes introduzidos pelo negro africano no

nosso folclore, aduzindo: “Os nossos funerais, em que uns rezam, outros cantam, outros bebem e conversam, são remanescentes do *Itambi Africano*” (Apud, Alves, Aluizio. *Angicos*, p. 320). Wilson Lousada, contudo, afirma a respeito: “... há verdadeiro equívoco em estabelecer conexões exclusivas das excelências com ritos funerários africanos nas zonas rurais do Nordeste” (op. cit. p. 108). A seguir, o mesmo autor tece algumas considerações importantes e lúcidas, as quais aqui transcrevemos no que têm de esclarecedor: “A insistência com que alguns autores procuram relacionar as “excelências” com os ritos fúnebres africanos, sem levar em conta, inclusive, que essa prece ou oração é apenas *parte* de um conjunto mais amplo de ritos, chega em Gonçalves Fernandes, por exemplo, ao exagero de limitar à população de cor ou aos mestiços do Nordeste a execução desses ritos, deles implicitamente excluindo o elemento rural branco...” E mais adiante acrescenta: “É possível que a melopéia, o “canto” dessas preces, tenha alguma semelhança com a melopéia de certos ritos africanos, o que seria bastante compreensível por um fenômeno de aculturação. Mas fazer da excelência ou “inselença” um rito fúnebre “africano” parece-nos excesso inaceitável, inclusive pelo fato de que ainda não temos, como ponto de partida para estudos interpretativos, uma verdadeira “coleção” nacional desses textos...” E conclui: “Se as palavras (ou a letra) de uma “excelência” são ditas como melopéia (no sentido de cantilena monótona despida de frases simétricas e regulares, tendendo para o recitativo), assemelhando-se, portanto, às melopéias de origem africana, isto não significa que o “sentido”, o “espírito” da prece, provenha da mesma origem, salvo as contaminações inevitáveis num país com a formação étnica do nosso” (op. cit. p. 110-1).

COMO SE CANTA:

As inselenças são cantadas sem acompanhamento instrumental. São repetidas, normalmente, doze vezes, “ritualmente e em uníssono”, antepondo-se nas iniciadas com “*uma inselença...*” o número da vez respectiva.

TIPOS DE INSELENÇAS:

São menos difundidas entre nós os tipos outros de inselença que não sejam as de velório, mas há inselença para quase tudo: umas pedem chuva, outras que a acabe; umas pedem a proteção da Senhora Virgem contra trovão e relâmpagos; a extinção das pestes, outras. Um tipo entrega o “anjo” — inocente — a Deus, outras...

ALGUMAS INSELENÇAS DE APODI E GOVERNADOR DIX-SEPT:

As inselencas que se seguem, ainda hoje, embora que muito raramente, são cantadas nos Municípios de Apodi e São Sebastião (hoje, Governador Dix-Sept Rosado), no Rio Grande do Norte, e algumas delas em Mossoró. As cantadas em Apodi foram-nos dadas pela “véia Chanda” (Alexandrina Cardoso) e as entoadas em Governador Dix-Sept foram-nos fornecidas pela viúva Ilda Lopes do Vale.

Inselencas Contra Chuva Com Trovão

Uma Inselença da virgem do rosário
Livrai-me do mal
Meu santo sacrário
Sacrários abertos
De ruas em ruas,
Meu pai de minha alma
Sem culpa nenhuma.

* *

Sou piedosa divina
Sou filha de Deus amor.
Tenha piedade de nós,
Misericórdia Senhor!

* *

Chagas abertas
Corações feridos
As cinco chagas de Nosso Senhor
Jesus Cristo,
Nos livrai dos perigos.

* *

Bendito seja Nosso Senhor
Nas alturas.
Bendita seja sua virgem mãe
Aos dois eu peço — cheio de graça:
Livrai-me da desgraça — com os meus irmãos
Fazei com que passe essa grande chuva.
Essa grande chuva com os seus “trovões”.

Inselença Contra Tempestade

- “1 — Viva Maria
Que é mãe do Senhor
Viva São Francisco
Que é imitador.
- 2 — Antes de haver mundo
Deus padre aguardou
Para a mãe do Verbo
Que nela incarnou.
- 3 — A primeira culpa
Que o homem pecou
A virgem Senhora
Milagre se achou.
- 4 — A virgem Senhora
Os anjos chamaram
Para os inocentes
Que na terra se acharam.
- 5 — Entre céus e flores
Nasceu uma rosa
No céu se achava
Maria Formosa.
- 6 — Senhor São Francisco
Por vosso cordão
Pedi ao Senhor
Que não trema o chão.
- 7 — Senhor Santo Antônio
De flores belas
Pedi a Jesus
Que não trema a terra.
- 8 — O céu se abriu
Inferno gemeu
A virgem Senhora
Foi quem suspendeu.

Caso já tenha amainado a tempestade, o cântico fica aqui. Se prosseguir, deve-se cantar esta:

9 — Em ti Pedra Grande
O raio rachou
Castigo da terra
Lisboa se arrazou.

Durante essa cantarola, pregam-se às portas e paredes da casa, ramos bentos, bandeirinhas com efígies de santos, que deverão ser também agitadas pelos presentes” (Alves, Aluizio. Angicos, p-321-2).

INSELENÇA CONTRA A PESTE

Há também inselenças contra a peste. Além das papeladas que se pregam às portas, com orações, reúnem-se algumas pessoas para cantar um apelo aos céus. Muitas vezes põem-se de joelhos, ao meio dia, em plena rua, para com o sacrifício, aumentar o valor da prece. Pode ser cantada, também, em casa.

Uma Inselença
Quem nos deu foi Senhor Deus
Senhora da Graça
Livrai-me da peste,
Ó virgem Senhora.
Avé Maria Cheia de graça, bendita sois
Vós entre as mulheres, bendito
É o fruto do vosso ventre, Jesus”

(Id. ib.)

Inselença Contra Vento

Uma Inselença da virgem do rosário
Do fruto, do fruto, do vento sagrado.
Avé Maria cheia de graça!
Avé Maria cheia de graça!

Inselenças Para Moribundo

Meus pais eu vou para o céu
Ou, talvez, para o paraíso.
Bença pai, bença mãe
Até o dia de juízo.

Uma inselença
David meus irmãos,
Me leva para ir.
Anjos do céu
Esperam por mim.
Eu vou pro céu
Eu vou pra ir.

* *

Já é uma hora que os anjos
Vieram te ver
E eles vão, e eles vão
E eles vão com você.

Esta, por nome de "Inselença das horas", canta-se de hora em hora; pondo-se, na parte em negrito, o número de horas correspondente ao falecimento do moribundo. Ex: Já são duas horas, são três horas, etc. Entrementes, pode-se cantá-la quando o doente agoniza, substituindo-se o primeiro verso: "Esta é a hora em que os anjos", o que ocorre em São Lourenço.

* *

Diz um A — **Avé Maria**
Diz um B — **Bondosa e bela**
Diz um C — **Cheia de Graça**
E um D — **Divina estrela**
Esperança nossa
Faz com que nós
Ganhe o céu.
Diz um H — **Hino à Maria**
Diz um I — **Igreja a ela**
Diz um J — **Jesus Cristo**
E um L — **Limpai noss'alma.**
Minha salvação
Nas tuas mãos entrego.
Diz um O — **Orai por nós**
Diz um P — **Purificai-nos**
Diz um Q — **Queira livrar-nos**
E um R — **Rei do Universo**
Se pecamos
Tamos todos arrependidos

Diz um U — Única saída
Diz um V — Vital fecundo
Diz um X — Xis dos mistérios
E um Z — Zelai o mundo.
Esperança nossa
Faz com que nós
Ganhe o céu.

Esta tem o nome de “Inselença do ABC”.

* *

“Uma inselença
Da virgem do rosário
Que do seu ventre
Formou um sacrário.

Sacrário aberto
Senhor saiu fora
Acompanhe esta alma
Que vai para a glória
Chô alma! Chô alma!

Alma bendita.
Por quem estás esperando
Por uma inselença
Que se está cantando

Lá vem a morte
Com os seus olhos ruídos,
Em busca daquele
Que Deus é servido
Adeus irmão,
Até o dia de juízo.

Com esta: “Inselença de Nossa Senhora do Rosário” finam-se as últimas esperanças de vida.” A expressão Chô Alma! Chô Alma! é característica: Representa o passaporte para a eternidade”. (Alves, id. ib).

Senhor São Benedito
Ele cantava, ele chorava
Ele se lastimava,
E as estrelas clareavam.
Adeus irmão,
Lá vem a morte
Em busca daquele
Que Deus é servido
Adeus irmão,
Até o dia de juízo.

Esta tem o nome de "Inselença de São Benedito."

Inselenças Para Anjo

Uma inselença dos anjos
E da Virgem das Dores
Adeus irmãos dos anjos
Irmão dos anjos, adeus!

* *

Era uma hora da tarde
Quando o anjinho veio me ver.
Espere anjinho do céu
Que eu também vou com você.
Eu vou, eu vou.

* *

Sacrários abertos
Saiu Senhor fora
Acompanhe este anjo
Que vai para a glória
Avé Maria cheia de graça,
Avé Maria cheia de graça.

Uma inselença que Nossa Senhora
Deu a Nosso Senhor.
Esta inselença é de grande valor
Oh! Meu Jesus Cristo,
Leve este anjo
Para o seu louvor.

* *

Inselença para Nossa Senhora das Dores

Uma inselença da Virgem das Dores,
Os anjos lá no céu
Cantando os seus louvores
Viva quem mereceu
Esta capela de flores

* *

Inselença para Nossa Senhora da Soledade

Uma inselença da Virgem
Senhora da Soledade
Nossa Mãe santa e bendita
Dolorosa imaculada.

Oh! Meu Pai eu pro céu
Um anjo vai me levando,
Do mundo vou me esquecendo
Só de Deus vou me levando.

Esta inselença é ainda hoje cantada em Gov. Dix-sept Rosado,
mas com a última estrofe assim:

Oh! Meu Pai eu vou pro céu
Um anjo vai me levando
Do mundo vou me esquecendo
E de Deus me achegando.

Inselença para São José

Uma inselença
Ao divino São José:
Adeus meu pai;
Adeus minha mãe;
Até quando Deus quiser.

Inselença de Dor

Nesta, os dois penúltimos versos devem ser cantados por filho do falecido ou falecida — (se muitos filhos, cada um por sua vez) e, os dois últimos versos, pela viúva — ou viúvo — que lhe sobrevive:

Uma espada de dor
E um instrumento de paixão.
— Oh! mãe minha
Grande dor no coração!
— Oh! filho meu
Grande dor sentindo eu.

PALAVRAS FINAIS

Quando a “capelinha branca do morro” fica perto da casa do “morto” o cortejo fúnebre vai até ela, onde à sua frente canta uma inselença. Entrementes, quando “toca de sorte” de o vigário estar nas redondezas, o féretro penetra na “capelinha”, onde se substitui a Inselença por uma “cantiga de igreja”, e o vigário “encomenda o corpo”. Quando o cortejo avista a capela, canta:

Estou vendo a casa santa
Onde Deus fez morada,
Onde mora o cálice (cáli) bento
E a hóstia consagrada.

Quando chega à igreja o cortejo, substitui-se o primeiro verso por: “Já cheguei na casa santa”, continuando, “ipsis literis”, o restante.

José Gomes Neto, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, mossaoroense radicado em Florianópolis, é autor da tese de mestrado “O Aspecto Verbal na Literatura de Cordel,” 1976.

REBOLA A BOLA, EMBOLADOR...

Gumercindo SARAIVA

EMBOLADA, no termo positivo do repentista audacioso, sagaz, atrevido, ou mesmo perigoso, impulsionado rudemente pelas palavras que lhe vêm à mente, é uma espécie de versalhada satírica, picante, improvisada sobre costumes, procedimento, ação individual, interpretada geralmente com música alegre ao som do ganzá, viola ou outro instrumento qualquer. Há casos em que os acompanhamentos são ritmados pelas batidas dos pés e das mãos, para o possível efeito da rima na forma de “á”. É um divertimento espontâneo e sua realização constitui alegria nos dias de festas, nos pátios das igrejas, nas casas de farinha, nos roçados e nos engenhos do Nordeste brasileiro.

O “Côco de Emboladas”, como é mais conhecido, constitui-se de uma dança tipicamente nossa. Ele nasceu no “pé de engenho” como dizem, e transportou-se para outros lugares, principalmente nas zonas praieiras onde o homem rude fez moradia. Por isso, encontramos no decorrer das pelepas versos fazendo alusão à malandragem, à indolência, às ações perniciosas de um “negro” qualquer. O repentista muitas vezes cita a palavra “cabra” — mestiço, filho de mulato e mulher negra — indivíduo desclassificado, indolente, preguiçoso, enfesado e mau. Daí, vem o termo que adquiriu sentido torpe e desagradável “cabroeira” na coletividade de uma malta de pessoas dessa espécie.

Quando criança, assistimos a emboladas notáveis e jamais saíram da lembrança as figuras de Tabacão, em Ceará-Mirim e Estremoz; Zé Sabiá, na Praia de Touros, Zé Oiticica e Chico Rufino, em Baixa-Verde, Estado do Rio G. do Norte, nelas, tomando parte também, algumas mulheres que evidenciaram bastante “queda” para as improvisações, principais elementos para aprimorarem o folguedo. Desde essa época, portanto, somos apaixonados pelas emboladas de nossa terra.

Alguns estudiosos e divulgadores de emboladas, erroneamente, informam que esse divertimento só é encontrado entre a plebe. É porque não assistiram aos “Cocos de Emboladas”, na residência do sr. Carmelo Pignataro, fazendeiro, agricultor e chefe político no município de Estremoz, onde seus próprios familiares tomavam parte na coreografia e desafiavam, sob risos, os presentes, com “umbigadas”, “caídas de corpo” e outras fisionomias musculares adaptáveis à dança verdadeiramente nordestina.

AS “EMBOCADAS” VÊM DOS “CÔCOS”

O escritor Sales Cunha, nascido no Rio de Janeiro em 1907, residiu por muitos anos em Maceió e estudou minuciosamente o “Côco” dessa região. Num de seus ensaios, o notável escritor cita trechos de uma carta que seu progenitor enviara há anos a determinado amigo, descrevendo minuciosamente a dança:

— “Já fui a dois “Côcos” — côcos dançantes familiares de que muito gostei, embora não houvesse dançado, e, nos quais cantaram, entre outros o

Oia a canga do boi, oia! . . .

Oia a canga, oia lá . . .

O “Côco” é uma dança muito interessante, em que os pares ficam em roda, enquanto três ou quatro casais saem a dançar pelo centro da sala, indo estes, sempre dançando, para a frente de outros pares, que por sua vez saem, deixando os primeiros nos seus lugares. Isto é feito cantando os “côcos”, nome que também é dado aos versos, de que acima estão amostras, todos os da roda batendo palmas ao ritmo da música e do canto, com acompanhamento de um chocalho de folha, cilíndrico, chamado ganzá. E é bonito, e ficam por mais de uma hora às vezes, dançando o mesmo “côco”, isto é, cantando o mesmo estribilho, enquanto dançam, e suam e cansam-se, tanto, que me admiro, não estejam todos mortos, no dia seguinte”.

O escritor citado, ainda transcreve trecho de uma conferência realizada no prédio do “Instituto Arqueológico”, em 14 de setembro de 1917, sob o tema “O ESPÍRITO POPULAR ATRAVÉS DO CÔCO” — contribuição para o folclore — pelo eminente escritor Barbosa Júnior, que mencionamos para nossos leitores — “Aos pares, em círculo, que o estreito âmbito da sala delimita, à luz palpitante e fumarenta da candêia espetada no rústico tapume, homens e mulheres dançam. Toda a massa humana se agita, suarenta, dentro de uma espessa nuvem de pó, que se alevanta sob os pés, no furor coreográfico do sapateado, marcando o ritmo binário em *andante sostenuto*, mercê do ruído rigorosamente compassado do ganzá. E a roda vai ondulando incessantemente, sobre si mesma como a distorcer-se em múltiplas vértebras, ao jeito de gigantesco ofídio, tantos são os dançadores a se enfrentarem nos primeiros tempos do compasso com os seus vizinhos lado a lado, e cada um por sua vez; e como assim se movem, a *roda* investe para a esquer-

da, continuamente. Enquanto isto, na roda, alguns pares se desgarram, e ei-los dentro dela, aos bambolêios com trejeitos hilariantes, a sapatearem sempre, a procura de outro par, que na roda espera a *umbigada*, e como se encontram, continuam a dançar *vis-a-vis*, dois tempos para um lado, dois para o outro. O par visitado, logo cede o seu lugar, e ei-lo agora, por sua vez, dentro do círculo, a cata de outro par na roda, de que inda pouco saíra.” “De princípio a fim, os que dançam, batem palma e cantam”. E o furor da dança estruge e atinge o seu auge! Eis o “côco”.

De fato, presenciámos em nossa meninice os “côcos”, na região da Central (E.F.C.R.G.N.) e ficávamos estarecidos com a violência dos “coqueiros”, pessoas corpulentas, às vezes alcoolizados, vendendo saúde, dentro de um clima verdadeiramente impressionante. Tivemos ciência de que o folgado muitas vezes dura de 8 da noite até o dia seguinte, quando o sol já é nascido.

Segundo opinião de folcloristas alagoanos, o “coco” nasceu na terra dos marechais, de onde depois, emigrou para as praias nordestinas, e sobre essa particularidade conversamos certa vez com o escritor Théo Brandão e ele confirmou a versão, afirmando que se trata de uma dança essencialmente alagoana.

E AS EMBOLADAS...

Estamos convictos de que as Emboladas nasceram dos “côcos”, com uma dança mais atenuada, tornando-se menos “agressiva”, diferenciando-se um pouco, visto que uma versaria invade sobremodo o folgado, conforme observou o escritor e poeta Osório Duque Estrada, pesquisando temas folclóricos, quando andou pelo Nordeste nas primeiras décadas do nosso século. Inegavelmente, as Emboladas vieram com essa quadra, servindo de rêfrão ao prosseguimento da versaria, conforme o canto dos improvisadores:

Rebola a bola,

Você diz que dá, que dá,

Você diz que dá na bola,

Na bola você não dá!...

Daí, vêm as variantes, no mesmo sentido, apenas aparecendo um jogo de palavras equivalente à sua origem.

Cabra danado
Você diz que dá na bola
Vontade também consola
Na bola você não dá.

Colhemos no interior do nosso Estado muitas quadras semelhantes, com relação à bola do embolador. Vejamos esta estrofe:

Cabra danado
Na bola você não deu
A mesma ficou com eu
Para depois te passá...

Um fenômeno muito constante na embolada é a forma de desafio entre seus intérpretes. Junto à coreografia, há uma inteligência notada nas improvisações e os contendores provocam, irritam e forjam situações difíceis, até que aparece uma nova fase de vingança através da utilização poética do homem rude, mas, visto evidentemente na musicalidade da Embolada.

Citamos outra quadra sempre cantada nas emboladas das praias do Rio Grande do Norte; servindo de refrão:

Rebola a bola
Você diz que dá, que dá
Não seja negro frajola
Na bola você não dá.

O refrão na Embolada tem grande significação, pois serve de estribilho constante junto aos volteios, palmas, sapateados, umbigadas e outras características em sua coreografia, mesmo pobre de facetas, mas descritivas dando margem para que as pessoas presentes sintam o colorido das imagens que os emboladores envolvem na criatividade expressa no conjunto de versos inspirados, mas em sua plenitude de repentividade. Vejamos estas estrofes:

Por isso mesmo,
Que eu me chamo Mané Bento
Abra a porta que eu vou dentro
Vou dá um salto mortá...

Outras versarias, constituem parte das trezentas estrofes pesquisadas nos engenhos de Ceará-Mirim e praia de Touros, depois, enfeixadas em nosso livro **EMBOCADAS DO MEU NORDESTE**, recebendo "Menção Honrosa", no 27º Concurso de Monografias, promovido em 1970 pelo Departamento Cultural da Prefeitura Municipal de São Paulo. (Concurso de Monografia — MARIO DE ANDRADE)

Saco bisaco,

Saco trapo, saco fumo

Minha mão não sai do prumo

Na pancada do ganzá.

Pernambuco

Paraíba, Alagoa

Minha Natal terra boa

Para a gente vadiá.

Atira, atira

Corta, corta, emenda, emenda

O ferreiro tá na tenda

Mas não sabe trabaiaí

Ave que fala:

Papagaio de Taipu

Goianinha tem muçú

Que é a riqueza do lugá

Por isso mesmo
Que me chamam Gororoba
Hoje mesmo como cobra
Com farofa de imbuá.

Dou na venta
Dou na cara, dou no ôio
Se o cabra fica Zanoio
Tira a taba do queixá.

Você me atira
Eu me abaixo, a bala passa
E até eu acho graça
Do tombo que a bala dá.

PRIMEIRO JORNAL NATALENSE A CITAR UMA EMBOLADA

Percorrendo leituras em pasquins natalenses, encontramos no jornaleco O PREGO, de 24 de junho de 1914, referência de um refrão assim: "Faca de ponta-tá-tá-tá-tá / Espingarda pá-pá-pá-pá — É a primeira manifestação registrada, anunciando um folguedo na Rua do Fogo (Hoje Padre Pinto) — Depois, em 1924, o domingueiro TROVADOR POTIGUAR, editado em maio, numero 13, registrava:

Chique-chique é pau de espinho
Umburana é pau de abeia
Colarinho de boi é canga
Palitô de negro é pêia...

Sá dona Rita,
Dona Antonia, dona Amelia
Fechem a porta com a tramela
Para o brabo não entrá. . .

Eu dei um beijo
No cangote duma negra
Pensei que era manteiga
Quase morro de babá.
De outra vez
Foi no sovaco duma veia
A boca encheu de peia
Quase morro de lança.

Os jornais já informam na década de 20, que o grupo “Batutas de Pernambuco” estivera no Rio Grande do Norte e as emboçadas de seu repertório eram muito aplaudidas e por isso, a imprensa local noticiou com destaque as exhibições do notável conjunto, pioneiro da música popular brasileira na região nordestina.

TRÊS LENDAS NORTE-RIO-GRANDENSES

Francisco Fernandes Marinho

(Lendas da Praia da Pipa-RN)

O CAVALEIRO DE OURO

Dizem que antes da formação do povoado da antiga "Itacoatiara", campeava por toda a extensão da praia um cavaleiro todo de ouro. Todas as noites quando a lua surgia de dentro do seio das águas, o cavaleiro montava-se em seu cavalo e saía a irradiar luz praia acima, praia abaixo.

De longe se escutava o tintinar dos estribos e o estalar do chicote no ar.

O cavaleiro desenfreado, em pouco tempo, conseguia esconder-se no Morro da Itacoatiara, cruzando a Praia dos Afogados, alcançando a Praia do Moleque, galgando a Chapada da Cancela que dava as costas para a praia das Assombrações. Na descida da Cancela, o cavalo começava a se dismantelar em uma tão grande corrida que nenhum olho humano conseguia mais desvendar o seu desdobramento: o cavalo de ouro espelhando à luz da lua, de repente se transformava em dois cavalos; os dois cavalos se emparelhavam e se transformavam em quatro cavalos; os quatro cavalos se emparelhavam e se transformavam em oito cavalos; os oito cavalos se emparelhavam e se transformavam em dezesseis cavalos; os dezesseis cavalos se emparelhavam e se transformavam em trinta e dois cavalos.

Ninguém jamais conseguiu contar quantos cavalos cobriam toda a extensão da praia pelo encandeamento do ouro no reflexo da lua. Quando chegavam a uma certa altura da praia, os cavalos iam se aconchegando de dois em dois, até se transformarem em um único cavalo que penetrava na "Pedra D'água". Do encontro das duas forças, saía um estrondo que ecoava pelos céus, atingindo as nuvens que se derramavam cobrindo toda a terra.



St. Crispian

O MORRO DOS AMORES

Ainda não existia a separação dos astros celestes, quando uma das principais estrelas chamada "Garatuí", que cansada de tanto brilho dos olhos dos seus admiradores sobre o seu lindo corpo, fez a desunião entre o Sol e a Lua.

Por cima de todos os morros da Itacoatiara luziam os astros em direção à jovem estrela. Garatuí, por ser uma jovem rival da matrona lunar, resolveu escondê-la debaixo de um pé de junco arrancado, só para ver que decisão tomaria o Rei de todos os astros.

O Sol, que era o verdadeiro e famoso cavalheiro do mundo celeste, por seu brilho incandescente, no seu reinado, rodeado e circundado pelo brilho opaco de todos os seus amos, espalhou todos os seus vassalhos pelo infinito afora, em busca de sua eterna amante. O Rei ficou muito furioso e de tanto rodar em torno da Terra, girando sem cansar, em poucos anos estava quase arredondado; sua companheira, debaixo da palma do pé de junco arrancado, de tanto esforço para ver quando o seu amante passava, ora ficava redonda, ora comprida e quando o vento soprava mais forte a palma quase seca comprimia a pobre rainha, que aos poucos deixava fugir seu reflexo por duas pontas bem delgadas, formando assim as suas crises (fases) lunares.

Garatuí, durante todos os dias na passagem do sol, se deitava em um monte de areia, que ela obrigou os vassalhos do Rei a penetrarem e a perfumarem com o aroma da natureza, enquanto outros foram obrigados a cavar um imenso poço, para ela se banhar todas as vezes que o sol aparecesse.

Um certo dia, Garatui tomou de um vassallo do Rei e mandou-lhe avisar que procurasse a sua divina rainha nas águas do fundo do mar. O pobre Rei mergulhou nas águas do oceano e de repente tudo ficou escuro. Ainda acomodada com o brilho de todos os que lhe rodeavam, Garatui, mandou-os em busca do querido Rei do Universo, chamando o vassallo que mais amava e pagodearam durante toda a noite; depois de muito se amarem, mandou que o seu amante levasse a lua até à beira do mar, para que ela pudesse tomar um banho dentro do Poço.

A Lua, enraivecida, ergueu a palma do junco, espanou-se dentro das águas e conseguiu fugir para o infinito, à procura do Sol. Garatuí abraçou-se com o seu amante e desapareceram na areia macia do Mor-

ro dos Amores. O sol acabava de surgir das águas quando a lua, no outro extremo, ia mergulhando à procura do seu amado, e nunca mais se encontraram. Ficou, assim, famosa a criação do dia e da noite, e o amor de Garatui ainda verte no Morro dos Amores, atraindo os casais de namorados para se deitarem na areia macia onde ela perdeu a virgindade, ficando a fama de que a moça que for ao Morro dos Amores acompanhada de um rapaz, não volta mais virgem.

A PEDRA DO MOLEQUE

Dizem que antigamente quem subisse ao Morro da Itacoatiara avistaria, de bem longe, uma multidão espalhada em volta de uma pequena pedra, arredondada, quase em forma de uma mesa, na beira da Praia, que os nativos chamavam de “Ita dos Deuses”.

Dependendo da posição da lua, em determinadas épocas, eles colocavam comidas da terra para os seres sobrenaturais na Ita dos Deuses e ficavam dançando durante todo o percurso da lua, carregando, nas mãos, imensas tochas que apagavam quando reviam os primeiros raios do sol.

Seus corpos luziam aos reflexos da lua e eles dançavam, dançavam, dançavam, acompanhados por cantos de louvores, em volta da pedra coberta de comidas da terra.

Por girarem em volta da Ita, em pouco tempo, descobriram que a pedra cada vez mais ia ficando alta e cada vez mais eles apressavam a dança e alteavam o canto, agradecendo aos Deuses pela maravilha que tinham diante dos olhos, uma obra de seus Deuses.

A pedra continuava a subir, subir, subir, até que eles não conseguiram mais colocar o alimento dos Deuses sobre a mesa sagrada.

De tanto girarem em volta da pedra, com o decorrer dos tempos ficaram cansados e resolveram dormir, deixando um negrinho para despertá-los, assim que os deuses voltassem. Pensavam em pedir aos Deuses que voltassem à forma primitiva da mesa sagrada.

Dizem que se revoltaram contra os Deuses e puseram pedras miúdas em torno da grande, para chegarem mais perto do alimento.

Foram castigados pelos Deuses, transformando-se em pedras e ainda hoje alguém chega a ver o negrinho pastorando a pedra, que ficou sendo chamada “A Pedra do Moleque”.

O RISO E A RIMA DE LUIZ CAMPOS

Joaquim Crispiniano Neto

Luiz de Oliveira Campos veio ao mundo em 1938 no país de Mos-soró, onze anos depois da entrada e saída de Lampião.

Cantador repentista desde 1964, depois de haver passado por diversos tipos de atividades, desde a agricultura até o comércio.

Homem de pouca escola e muita inteligencia; figura humana de excelentes qualidades de carater; anfitrião sem “cara feia”; amigo incondicional; pobre porém resignado, quase sempre traz nos lábios um sorriso largo e na ponta da lingua uma piada interessante. Luiz Campos é uma pessoa com quem é fácil se trabalhar.

A pobreza material lhe é compensada com a riqueza de espírito; poeta e humorista e, antes de tudo, um grande amigo.

Quanto ao homem não é necessario dizer mais do que já foi dito. O exposto é suficiente para se ver em Luiz um grande sujeito; quanto ao poeta Luiz Campos, muito se tem a dizer. Conhecemos de perto o trabalho deste poeta modesto e genial. Conhecemos o mérito de Luiz na banca e a versatilidade no braço da viola.

Muitos colegas criticam a pouca beleza da voz de Luiz mas isto não diminui as qualidades do poeta. São inúmeros os cantadores de pouca voz e imensa capacidade no manejo das rimas. Exemplos marcantes temos em José Aires de Mendonça e Lourival Batista, o ultimo, por sinal, ilustra o problema com uma bela sextilha criada contra seu irmão Otacilio, quando em uma cantoria este se julgava o máximo, como poeta “de peito” pelo volume de voz que possui. Louro, como é mais conhecido o melhor dos tres irmãos Batista, se vendo humilhado por ter pouca voz, retrucou de maneira imbatível:

Você só fala em peito
mas nisso eu não vejo graça,
mais peito do que você
tem uma porca de raça
que tem seis de cada lado
mas de uma porca não passa.

O CANTADOR

Luiz Campos abraçou a viola de uma vez por todas em 1964, em Pedreiras, no estado do Maranhão. A partir desta data tem feito muita coisa digna de nota.

Descendente de família de poetas, da qual se destacou no passado o cantador Raimundo Lopes, tio de Luiz. Do falecido Raimundo, existe muita coisa para um posterior estudo e divulgação. Na lembrança viva de Luiz, está um episódio dos últimos dias do seu tio, quando o mesmo solicitou de um filho, dinheiro para uma viagem de Mossoró a Macau e recebe uma negativa. Abatido, o velho pegou da viola e lançou seu desabafo ritmado, do qual Luiz gravou uma estrofe muito rica.

Outrora me ofertavam
coisas que eu nem carecia
a ninguém nada eu pedia
mesmo sem pedir me davam.
De longe mesmo mandavam
carta, bilhete e cartão.
Houve uma transformação
do passado prá o presente:
Hoje estou pobre e doente,
preciso, peço e não dão.

As qualidades de Luiz como poeta popular estão acima da crítica. Luiz é peça folclórica; é obra que o povo fez para seu próprio deleite. Luiz é gente, Luiz é povo desde o nome até o modo de vida que leva. Sua inspiração vem da aspiração que o povo sente por momentos de alegria, vem do cotidiano do sertão: terra de muita alegria e muita tristeza também.

Luiz é o sertanejo puro, acrescida a capacidade de rimar. Da mesma forma que o povo, ele vê o progresso com simpatia e descreve certas transformações com muita graça:

As coisas mudaram muito
ali na Serra do Mel:
Onde morava um vaqueiro
hoje mora um coronel
onde amarrei meu cavalo
hoje se guarda um Corcel.

O repente de Luiz sempre vem acompanhado de grande dose de humor, quando não de Filosofia ou, pelo menos, de uma grande capacidade de descrever as coisas e os fatos.

Cantava certa vez com o colega Luiz Antonio, que hoje voltou a fazer dupla com Campos nas terras de Mossoró, tendo sido a única dupla classificada no Festival de Olinda, para uma viagem pelo Brasil divulgando o nosso folclore ao lado de mais nove duplas dos outros estados. Esta dupla cantava certa vez em um baixo meretrício e descreviam o ambiênte:

Luiz Antonio:

... e tem mulher rebolando
com seu jeitão de artista

Luiz Campos:

No cabaré se avista
o mais tremendo desprezo;
um copo cheio de cana
e um continental aceso,
uma rapariga apanhando
e um vagabundo indo preso.

Ao lado do grande Severino Ferreira, cantador da geração nova, moreno inteligente, dono de uma capacidade de versejar que é desejada por muitos tidos como grandes. Severino é de Touros, é repentista nato, ainda é jovem mas já se tem muito sobre ele para se contar e isso desejamos fazer em breve. Mas, voltando a Luiz: no momento da cantoria surgiu na sala um homossexual e muito se cantou sobre o tal, chegando ao ponto de Severino achar que as críticas estavam demais, fazendo uma sextilha que terminou assim:

... Mas José Maria é homem
não casa porque não quer.

Imediatamente Luiz retrucou, com seu gênio brincalhão, sabendo que o referido pouco ligava às críticas a um problema do qual não é culpado:

José, perto de mulher
pouquinha coisa ele faz
mas José Maria estando
se esfregando num rapaz
dá tanto choque no corpo
que acende a luz de detrás.

Luiz é um glosador imbatível. Jamais deixou-se perder num mote. Sempre glosou com graça e beleza. Uma das características da sua glosa é a capacidade de resumir. De dizer muito em poucos versos. Exemplo disto, é um caso acontecido em Patu, quando Luiz, ao descer do trem se encontra com Zoray, uma sua conhecida, travando rápida conversa: Como vai? — Vou bem; — De onde vem? — De Alexandria. Prá onde vai, agora? — Para a igreja. — Deus lhe Proteja na vida de cantoria. A insistência de um amigo para que glosasse o acontecido levou Luiz a fazer esta glosa impecável:

Quando me apeei do trem
eu me encontrei com Zoray.
Me perguntou: — Como vai?
Eu lhe respondi: — Vou bem!
Perguntou: — De onde vem?
Eu disse: — De Alexandria;
Perguntou prá onde eu ia,
Eu disse: — Vou prá igreja
Ela disse: — Deus lhe proteja
[na vida de cantoria!]

Escrevendo Luiz demonstra sua grande capacidade, especialmente quando se trata de poemas-matutos. Exemplo marcante é o poema “ME ENGANEI COM MINHA NOIVA” onde Luiz traz à tona muitas expressões que deixaram de ser usadas no meio urbano, tendo atualmente uso restrito ao meio rural. Este poema já foi motivo de polêmicas, pois outro poeta, o publicou sob o título “EU E VICENÇA”. Em 1974, quando da ocasião de um ENCONTRO DE VIOLEIROS EM NATAL, Otacílio Batista, inocentemente, o recitou em nome do falso autor e perante todos Luiz assumiu bravamente a autoria que lhe cabe por direito. Eis o poema:

ME ENGANEI COM MINHA NOIVA

Quando sortêro eu vivia
era o maió aperrei
divido eu sê munto fei
as moça num mi quiria
qondo pum forró eu ia
cum quaiqué colega meu
eles cunfiava n'eu
ia bebê e dançá
no fim da festa arengá
i quem ia preso era eu.

I prá arranjá namoro
eu toda vida fui mole,
cantei samba, puxei fole,
usei um cabelo louro,
a boca cheia de ouro
chega briava de dia
i si p'uma festa eu ia
cherava cumo uma rosa
mas s'eu caçava uma prosa
as moça num mi quiria.

Eu dizia é catimbó
qui arguém butô i num sai
qui mamãe casou cum papai,
vovô casou cum vovó,
inté meu irmão Chicó
munto mai fei di que eu,
namorou, casou viveu
cum duas muié inté
mas num acho uma muié
qui quera si infregá n'eu

Um dia Deus discuidô-se
i o satanás si isqueceu
qui Vicença oiou prá eu
cum uns oião de bico doce,
nossos oi se misturô-se
cuma feção cum arroz,
se abufemos nois dois
num amô tão violento
qui maiquemo o casamento
pa quato dia dispois.

No dia de se amarrar
si arrumou eu e ela
dei de garra da mão dela
e fui pá igreja casá
cheguei no pé do artá
recebi a santa bença
jurei num tê desavença
entre eu e minha esposa
o pade disse umas coisas
e eu fui vivê mais Vicença

Cheguei in casa mais ela
fui logo mi agasaiando
qui mermo eu ia pensando
qui ia drumi na costela.
Vicença fez uma novela
pru dento da camarinha
quebrou uns trocim qui tinha
me amiaçou na bala
ela foi drumi na sala
e eu fui drumi na cozinha.

Da vida eu perdi o gosto
pru quê Vicença fez isso
de manhã fui pu silviço
mas pá morrê de desgosto,
cheguei in casa o sol posto
Vicença mi arrecebeu
inté um cafel freveu,
butou pá nois dois ciá
mas gondo foi se deitá
nem siquer oiou pá eu

De Deus eu perdi a crença
de nome chamei uns trinta
butei a faca na cinta
fui cunversá cum Vicença,
Vicença deu a doença
gondo falei in amô
e preguntou: — O sinhô
pensa qui eu sô o quê?
só me casei cum você
prá le fazê um favô

Bati cum ela no chão
e dei de garra da faca
cortei-lhe o cois da casaca
e o elastro do calção.
Vicença tinha razão
de num querê bem a eu,
num era cum nojo d'eu
e nem pruquê fosse séra.
Sabe Vicença o qui era?
Era macho qui nem eu.

Eu munto mi arrependi
pru que mi casei cum ela
fui e falei cum o pai dela
e de manhã devorvi
munto disgosto eu sintí
que quage morria inté.
Homí in traje de muié
tem munto de mundo afora
só caso com ôta agora
sabendo logo quem é.

PASTORIL NO RIO GRANDE DO NORTE (1)

*Maria Lúcia de Souza **

O pastoril, como folguedo popular dramático, é muito difundido no Nordeste brasileiro. No Rio Grande do Norte é apresentado através de dramatizações e/ou bailes, na época junina e nas festas religiosas das comunidades interioranas.

Encenado em palanques de madeira, ricamente ornamentados com cortinas, bandeiras de papel colorido e arcadas, formadas de folhas de coqueiro, nas adjacências são armadas numerosas barracas, que aproveitando o aglomerado das pessoas, vendem café, pão doce, tapiocas, cocadas, comidas de milho, guisados de carne e bebidas alcoólicas.

No Rio Grande do Norte, o pastoril apresenta variações regionais, principalmente no que diz respeito aos textos, notas musicais, indumentária e nos próprios gestos e encenação.

Os personagens em número de 12 a 20 mocinhas ou meninas, com uma faixa etária de 6 a 15 anos, se apresentam divididos em dois cordões: o azul e o encarnado, cores que ostentam nas próprias vestes. Segundo Théó Brandão e Noé Mendes de Oliveira, em Alagoas e no Piauí, os pastoris apresentam características idênticas. Via de regra, as pastoras apresentam vestidos com babados, saias e blusas curtas, meiões e sapatilhas, ou mesmo descalças, trazendo à cabeça laços, chapéu de palha enfeitado com flores, diademas e coroas. Em pastoris sofisticados registramos pastoras ricamente ornamentadas portando colares e brincos. Em ambos os casos trazem uma faixa com o nome dos personagens bordados em areia brilhante. Na confecção dos trajes utilizam o algodão, cetim, lamê e até mesmo papel crepom, com bordados de areia brilhante formando flores e corações.

1 A realização do presente trabalho deve-se ao Programa Bolsa/Trabalho/Arte, segundo convênio DAC/DAE-MEC/UFRRN

* Bolsista do Programa Trabalho/Arte.

As apresentações podem ter caráter beneficente. Neste caso, o dinheiro arrecadado é destinado às igrejas, maternidades, clubes de mães e outras instituições, ou o dinheiro é dividido entre os responsáveis pela organização do pastoril.

Nas apresentações, as pastoras são dispostas em duas filas, uma à direita do palco, outra à esquerda, indicando assim a formação dos cordões: azul e encarnado.

A Diana, por ser uma figura neutra, veste metade encarnado, metade azul, ocupando o centro; sua canção indica neutralidade:

“Sou a Diana não tenho partido
O meu partido são os dois cordões,
Eu peço palmas, fitas e flores
Ó meus senhores sua proteção”.

Podendo variar o último verso: (Ó meus senhores prestem atenção).

Ou ainda:

“É do meu gosto,
É da minha opinião,
Hei de amar as duas cores
Com prazer no coração”.

As duas primeiras pastoras de cada cordão são chamadas de mestras, (a do encarnado) e contra mestra (a do azul), tal como ocorre em Alagoas e no Piauí. As outras figurantes dentro de cada partido recebem nomes tradicionais, como: A camponesa, a libertina, a borboleta, a estrela, a cigana e o anjo. Segundo observações nossas, são evocados nomes de minérios, (rubi, esmeralda. . .) de astros (sol, lua. . .) e de flores (lírio, rosa, jasmim. . .):

“Eu sou a rosa rainha das flores
E venho aqui com satisfação
Saudar Jesus com amor e alegria
Neste Natal de todos os cristãos”

As canções dançadas são chamadas “Jornadas”, que são cantadas ininterruptamente, sem sequência e às vezes até de improviso. São executadas com variações modernas, como a valsa, a marcha e o xote, ao som da orquestra “Pau e corda”, isto é: violão, pandeiro, sanfona, maracá, triângulo e zabumba.

Apenas as jornadas iniciais têm referência própria. As demais podem ser alternadas. Exemplos de boa noite:

“Boa noite meus senhores todos
Boa noite senhoras também
Somos pastoras, pastorinhas somos
Alegremente vamos a Belém.”

ou

“Boa noite a todos
À minha chegada
Eu que sou a mestra
Viva a minha entrada.”

Todos os personagens se apresentam de maneira idêntica, variando os dois últimos versos: (Eu que sou a contra mestra, viva a minha entrada).

Os personagens do cordão azul podem dar o boa noite, ressaltando o seu partido:

“Boa noite a todos, à nossa chegada
Somos pastoras, breve a nossa entrada.
Eu que sou o guia, venho do oriente
Eu que sou o guia, venho do oriente
Estrela do norte é onipotente.
Eu que sou o anjo, venho lá do sul
Para a vitória do cordão azul
Eu que sou o anjo, venho do oriente
Estrela do Norte é onipotente.”

Ou ainda:

“Boa noite meus senhores todos

Boa noite senhoras também

Somos pastoras, somos graciosas

Alegremente vamos a cantar.

Sou a primeira do cordão azul

O meu cordão eu sei dominar

Com minhas danças, minhas cantorias

Senhores todos queiram desculpar.”

A última estrofe é cantada pelo cordão encarnado, logo após a apresentação do cordão azul.

Cada partido canta elevando o seu cordão, numa mistura do religioso com o profano.

“O cordão vermelho, na sala chegou

O cordão vermelho, na sala chegou

O cordão vermelho é de Nosso Senhor

O cordão azul, na sala chegou

O cordão azul, na sala chegou

O cordão azul, é de Nosso Senhor.

Senhora mestra, (ou contra mestra)

Não tenha raiva não

Que a sua bandeira

Hoje vai ao chão.”

Depois do boa noite, as jornadas prosseguem sem uma sequência rígida.

A borboleta, a menor de todas as pastoras, apresenta-se de amarelo ou branco, com grandes asas feitas em armação de arame, recobertas de papel celofane ou filó, com enfeites de purpurina brilhante. Sua apresentação pode ocorrer logo depois do boa noite ou na despedida:

“Borboleta pequenina
Venha cá pro meu roçado
Venha cantar meio dia
Nesta noite de Natal
Eu sou uma borboleta
Sou bela e feiticeira
Ando no meio das flores
procurando quem me queira
Boa noite meus senhores
Já é hora de partir
Entre cravos e entre rosas
já é hora de dormir.”

Em alguns pastoris, temos a presença de um ou mais pastores ou guias representados pelos mais jovens do grupo. Esses personagens ao entrarem no palco são assim saudados:

“Pastor, pastor, pastor, pastor
Nossas saudades reclamam por ti
Venha nos dar os teus fulgores
Ó pastor, ó venha nos ver aqui.

O pastor canta:

“Estou aqui ó lindas pastorinhas
Com minhas ovelhinhas, ó venha aqui.”

As pastoras voltam a cantar:

“Vem nos dar os teus fulgores
Óh pastor,
Óh vem nos ver aqui.”

As pastoras cantam saudando o guia:

“Lá vem o lindo guia, por dentro da palmeira
Venha ver como é linda nossa brincadeira,
Quando nós chegar, hoje aqui nesta lapinha
Boa noite, senhores, olhe aqui as pastorinhas.”

O guia canta cumprimentando a platéia.

“Dou boa noite aos meus senhores
E às senhoras deste lugar
do pastoril sou o lindo guia
que hoje a todos vem cumprimentar
mereço palma e proteção
do partidário deste meu cordão.”

As pastoras voltam a cantar:

“Donde vem o lindo guia
Ele vem das campinas
Donde vem o lindo guia
Ele vem das campinas
Bailar, bailar, bailar, bailar
Com sua faixa de côr para nós bailar.”

Na cidade do Açu, RN, colhemos depoimentos de pessoas que participaram de pastoris na década de 1940. Na época, a entrada e chamada dos pastores eram assim cantadas:

As pastoras chamavam:

“Vem pastorzinho, atender as pastorinhas
Tuas meigas amiguinhas
Que te chamam sem cessar
Pastor querido, vem mostrar a multidão
O teu modo de brincar.”

O pastorzinho cantava:

“Estou aqui, pastorinhas encantadas
Para cumprir minha jornada
Com grande satisfação
Venho sorrindo bem alegre e satisfeito
Com o emblema no peito
que desenha o coração.”

Valdemar Valente cita como parte integrante do pastoril pernambucano a figura do "VELHO", com suas calças largas, camisas folgadas e estampados; contando piadas, e cantando canções obscenas, para animar o espetáculo numa comunicação franca e informal com os espectadores, que respondiam com palmas, assobios e gritos. No Rio Grande do Norte, o "Velho" pode ser substituído pelo palhaço, que desempenha papel idêntico. Essas figuras ainda são responsáveis pelo "leilão", ofertando flores que são arrematadas pelo público:

"Onde estás, ó velho Joca

Que estamos a ti chamar

Com tuas simples brincadeiras

As pastorinhas vamos alegrar."

ou ainda:

Cadê o velho Joca que está tardando

Deixou de vim tão cedo, está demorando

Oh que prazer, chegou o velho Joca

Estava na paróquia fazendo oração."

As jornadas de despedida falam do adeus e prometem voltar.

"Adeus, adeus, vamos embora, é tarde

muita saudade eu levo deste pastoril

Adeus mocidade, ó linda,

Adeus que já vamos embora

Adeus até amanhã, já vem nascendo a linda aurora."

Alguns pastoris apresentam fragmentos de presépios e bailes, chamados geralmente de “partes”, como a da cigana que lê a mão e promete sorte. De tais espetáculos o povo participa ativamente, interferindo junto às pastoras, dando formas diferentes e imprevistas, reanimando as apresentações, seja na entrada dos rapazes ao palco para dançar com as pastoras, seja em forma de pilhérias e ditos jocosos.

Literatura Citada

- 1 — *Brandão*, Théó — 1966 — Folguedos Natalinos — Pastoral — Coleção Folclórica da UFAL — 27 — Maceió — Alagoas.
- 3 — *Valente*, Waldemar — Pastoral — Centros de Estudos Folclóricos — Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — Recife.
- 2 — *Oliveira*, Noé Mendes de — 1977 — Folclore Brasileiro — Piauí — Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro — MEC — Rio.

O 30 DE SETEMBRO E A FESTA DO ROSÁRIO

Neusa Caminha Cascudo Rodrigues

Quando um dia, que poderia ser um dia qualquer, vem a se perpetuar na história, é que nesse dia alguma coisa de extraordinário se passou, capaz de levar sua memória além dos tempos. E destas datas que ficam, algumas têm tal significação, tornam-se de tal maneira presentes, que nunca serão apenas datas do passado.

O 30 de setembro, em Mossoró, é uma destas; o acontecimento que a marcou foi em 1883. Mas cada 30 de setembro que passa é uma nova afirmação da vida de Mossoró. Libertando naquele dia seus escravos, a cidade libertou também a si própria, o seu espírito, dava a seu futuro caminhos livres para o progresso. E todos os anos quando chega o dia 30 de setembro, não é apenas a libertação dos escravos o que comemoramos, é o dia de Mossoró.

E esse dia de Mossoró faz lembrar também a vida curiosa da cidade nos dias do passado, o movimento do comércio, os comboios chegando e partindo, as festas, as tradições. E entre as tradições, a mais interessante talvez tenha sido justamente a célebre Festa do Rosário, a grande festa dos negros.

A festa do Rosário era uma tradição bastante antiga, de muito antes da abolição. Em todo o nordeste, era comum os senhores darem liberdade aos seus escravos por um dia para comemorarem a festa da Padroeira, N. S. do Rosário. Geralmente constituíam-se em Irmandade, e escolhiam seus reis e rainhas. E todos os anos promoviam a festa de caráter religioso e profano, pois constava da missa, pela manhã, com a coroação do rei, pelo padre, o desfile do cortejo do rei e da rainha, cantos, danças, comidas e bebidas até alta noite, as saudações à Padroeira e a alegria eufórica dos que tinham liberdade uma vez por ano.

Em Mossoró, a Irmandade do Rosário é quase tão antiga quanto a Capela de Santa Luzia, hoje nossa Catedral. E até muito tempo depois da abolição ainda se realizaram as Festas do Rosário.

Algum tempo antes do dia, os negros, que haviam sido escolhidos para a comissão, começavam a percorrer a cidade, visitando as casas pedindo auxílios para a festa, e também os sítios e fazendas da redondeza. Era costume as pessoas fazerem votos e promessas para pagar por ocasião dessa festa, dando animais ou objetos para serem leiloados. Também organizavam grupos de Bumba Meu Boi que visitavam as residências mais importantes da cidade, promovendo festejos e angariando contribuições. Uma figura importante nesses festejos de preparação à Festa do Rosário, era o Espontão.

O Espontão era o seguinte: um preto fantasiado, todo enfeitado de fitas, empunhando uma lança também recoberta de fitas, percorria as ruas dançando acompanhado de tambores, agitando a lança e gritando. Era uma dança guerreira com um ritmo vivo, que atraía a atenção de todos, e com seus espetáculos, o Espontão recolhia dinheiro para a festa. O mais famoso foi o velho preto Ibiapina. Alguns dizem que o Espontão foi criado em Mossoró por Rafael Mossorcense, do Clube dos Spartacus. Em outros locais no Nordeste, e mesmo aqui no Rio Grande do Norte, o Espontão era composto de um grupo de prêtos com a lança (espontão era o nome da lança), mas em Mossoró foi sempre uma só figura, durante muito tempo o velho Ibiapina.

No dia da festa os negros saíam em cortejo, o rei, a rainha, um grande séquito, ao som de tambores e foguetões. Iam ricamente vestidos, e o Espontão fazia a sua dança. A primeira parte da festa, era a missa na Catedral, havendo então a cerimônia da coroação do rei feita pelo padre que celebrava a missa. Depois dirigiam-se para o bairro dos Paredões onde se realizava a parte profana da festa. Eram famosas as comedorias, perus, leitões, farofas e arroz. Havia muita dança, muito foguetório e terminava havendo muita bebida também. Não só os negros compareciam, os brancos gostavam de ir, mesmo pessoas importantes, e nesse caso a festa subia de categoria. Muitas vezes o local da festa era designado pelo Prefeito.

Hoje em dia ainda há em Mossoró o Baile dos Negros do dia trinta, mas da Festa do Rosário, não temos mais nenhuma reminiscência. Em outras cidades como Fortaleza e Recife, onde igualmente já não se realiza esta festa nem sobrevive a Irmandade do Rosário, vamos encontrar, no entanto, a sua lembrança nos Maracatus do carnaval. Ali estão o rei ou a rainha, o seu cortejo, suas canções de origem africana, seu ritmo característico, nostálgico e insistente.

Para que reviva entre nós alguma coisa dessa tradição esquecida, é que uma das alegorias do desfile do dia 30 é sobre a antiga Festa do Rosário. Que ela nos sirva para lembrar que pelo menos nos dias 30 de setembro seria bom voltarmos a ver as danças guerreiras do Espontão, a coroação do rei, e ouvir os cantos curiosos e os tambores africanos, já tão brasileiros.

Feliz lembrança, portanto, a do Lions Clube, fazendo reviver esse acontecimento religioso intimamente ligando às festas do octogésimo aniversário da campanha redentora de 1883.

MEDICINA POPULAR E SUPERSTIÇÕES NO CEARÁ MIRIM

Franklin Jorge

O Ceará Mirim, com seu vale cortado por exuberantes canaviais, continua desde muitos anos intocado num dos seus mais ricos filões: — o da cultura popular. Uma ligeira pesquisa nessa área, estimulada por Luís da Câmara Cascudo, bruxo que, graças aos artifícios de uma vitalidade misteriosa e atenta, tem animado os novos a continuarem o estudo e a pesquisa de nossas raízes, revelou-nos um fértil manancial, especialmente no campo da medicina popular e da superstição. Naturalmente esses assuntos são complexos e, portanto, não se acomodam nos limites de uma crônica, cujo principal objetivo é chamar a atenção dos verdadeiros folcloristas para a cidade e o vale do Ceará Mirim, núcleos de férteis manifestações e costumes populares, merecedores de tratamento mais profundo e específico. Porque o Ceará Mirim, talvez pelo fato de ter lançado mão do trabalho escravo, em maior escala, revestiu-se de características especiais, sendo até hoje no Rio Grande do Norte a cidade em que o preconceito racial é mais acentuado e se manifesta, inclusive, nas superstições, conforme veremos.

Medicina Popular — Feita de “mezinhas” e crendices, a Medicina Popular parece justificar uma antiga sentença espanhola, que diz: “de médico e de louco, cada um tem um pouco”. Eis aqui algumas “receitas”, as mais esdrúxulas possíveis, colhidas tanto na cidade como no vale do Ceará Mirim: — recomenda-se a quem sofre de amigdalite caldo de lagartixa; banha de sapo é remédio infalível na cura de inflamações reumáticas; chá de pimenta do reino é indicado em casos de ataques cardíacos; leite de pinhão bravo faz estancar qualquer hemorragia externa; um bom chá de alho cura todo resfriado; cebola branca assada polvilhada de açúcar e deixada ao relento durante toda uma noite cura tosse braba (coqueluche), assim como leite de jumenta. Uma gema de ovo tomada em jejum, acompanhada de umas colheradas de mel de jandaíra, diz-se, tem efeito prodigioso em casos de impotência..

Superstições — A lavadeira Engrácia Felício, cerca de quarenta anos, nascida e residente no município de Ceará Mirim, na localidade denominada de Lagoa Grande, devota de Padre Cícero, Nossa Senhora da Conceição e Frei Damião, dos quais já alcançou várias graças, afirma-nos ter “uma reima danada de gente preta”. Para ela, deparar-se

com um negro pela manhã, ao abrir a porta, é sinal infalível de azar e mau agouro. “O sabão não rende, a roupa não *quara*”, enfim, “não adianta ir lavar roupa nesse dia aziago”. M. S., senhora da sociedade local, católica, poetisa diletante, embora afirme “só acreditar no que manda a Igreja”, é taxativa: “negra é o nome da dor”. Um urubu, por exemplo, é mensageiro inexorável da morte. Quando pousa na cumeeira de uma residência, então, é anúncio da morte próxima de seu proprietário. . . Curiosamente a cor branca não escapa a esta conceituação macabra, tão enraizada na psicologia do “povo do açúcar”, como é conhecido o cearamirinense em geral. É ainda Dona Engrácia Felício que nos garante, cheia de convicção: — “Sonhar com uma moça vestida de branco ou encontrar à meia noite, diante de uma porteira, um homem todo de branco, são sinais significando o desaparecimento em breve de um parente próximo”. As superstições são muitas e pedem a extensão de um livro. Em recente pesquisa, realizada ao longo de quase três meses, conseguimos reunir nada menos de 318 superstições, de forma que poderíamos afirmar aqui sem temermos o exagero: — o povo ama a liturgia católica, teme as chamadas forças invisíveis, mas acredita mesmo numa santa de muitas faces que nós conhecemos por Superstição. . .

MIGUEL RELÂMPO — Um artista do Povo

Iramar Araújo

“... Capitão João Redondo, barriga de dezenove vintém, se eu mando comprar, não vem, se eu mando dinheiro, fica na conta velha e aí tá o homem derrotado em todas as cidades”. — Assim se inicia a “brincadeira” de João Redondo. Divertimento extremamente popular de raízes medievais, caracterizado pelo manuseio de bonecos que se apresentam por detrás de uma empanada improvisada, onde uma ou várias pessoas interpretam personagens diversos. Espetáculo teatral de grande aceitação entre crianças e adultos nas festas e feiras do sertão nordestino.

Conhecido artista popular norte-riograndense, Miguel Relâmpo afamado em todo o agreste — é uma das mais importantes figuras folclóricas de nosso Estado. Com o nome de “batismo” de Miguel Soares de Assis, seu “Relâmpo” (como é conhecido na região), nasceu a 29 de setembro de 1920, no município de Serra Caiada (Pres. Juscelino) sendo seus pais — Miguel Soares de Assis e Rita Soares de Assis, agricultores; tiveram uma família de dez filhos, sendo que, somente Miguel, Zé (José) e Antônio, “Os Relâmpo” são mamulengueiros e representam por todo o Estado.

Miguel, o mais velho de todos, teve uma adolescência “apertada” e difícil como todo sertanejo carente de recursos e divertimentos. — Vez por outra, na festa da Padroeira, aparecia na sua vilá, mamulengueiros vindos de outras regiões — Miguel, já com 15 anos, “... Vi o outro brincar com o João Redondo e achei que podia brincar também”. Daí, começou a inventar estórias e a esculpir seus “calungas” (bonecos), tendo seus irmãos como músicos na sua “campanha”.

“... A gente faz pela cadência; faz da nossa cabeça”. Se interessando por tudo quanto lhe era “difícil e bonito”, Relâmpo se dedicou também, a tocar rabeca (tipo de violino popular usado no nordeste), e terminou fazendo seus próprios instrumentos musicais, que passaram a ter importância fundamental para seus espetáculos, que quando as coisas vão bem “rola a noite toda”.

...a gente tem o modo das pessoas para os bonecos".
...colocada como "Tambor". É uma raiz
...de manuseio. A coloração das pe-
... "linda de porta". — "Fica melhor
... e contrastantes, realçando com
... as roupas dos personagens.

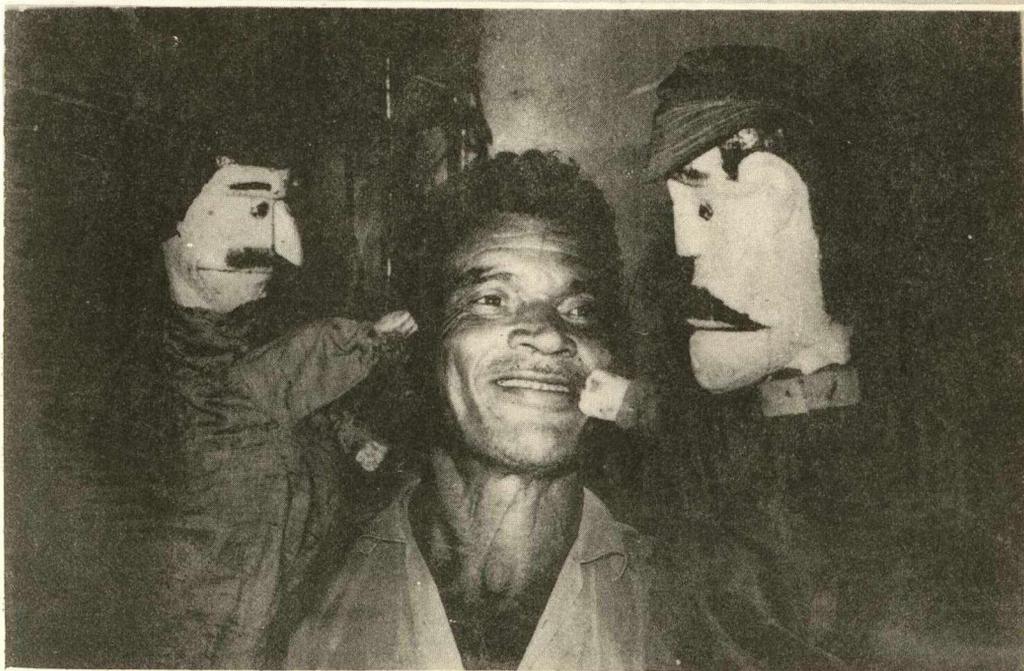
...de vinte figuras. São personagens
...domésticos, que levam o nome
...João, "é o dono da turma",
... As estórias variam em
... (Benedito), qua-
... a filha do fazendeiro (Cap. João
... batizo o nome dos bonecos na
... com o público, na maioria
... e personagens e seus "encar-

... Faz as consultas e receita os
...";
... do Capitão João Redon-
... da ingrisia (briga)", que
... tomar a noiva de Baltazar;

... Baltazar
... e prende Benedito"
... reza a Benedito"
... e esposa do Capitão"
... "toma conta da casa do Capitão
... quando ele viaja"
... do Capitão João Redondo e
... noiva de Benedito.



MIGUEL RELAMPO e seus bonecos



Além dos músicos (pandeiro, rabeca e acordeon) acompanhantes que dão maior animação ao espetáculo, Miguel manuseia habilidosamente por detrás da "tolda" (empanada), e, com a voz em falsete vai caracterizando os diversos bonecos que se apresentam durante a noite.

O divertimento tem a duração variada de três horas, ou quando está rendendo, "a coisa corre frouxa e vai até o outro dia".

Atualmente, além de fazer "calunguinhas compostos e milagres para os cruzeiros da região", Miguel Relâmpo, quando não está viajando com seu grupo, mostrando as suas estórias nas vilas e fazendas, dedica-se a vários ofícios que aprendeu para sobreviver. "— Sou agricultor, tenho um roçadinho; quando quero comer um bejú-de-caco, arranco o pé de mandioca, relo e faço o bejú".

NOTICIÁRIO

A UFRN e o Folclore

Durante a I Semana da Cultura Nordestina, realizada em Natal, em maio de 1978, com o maior sucesso, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte promoveu, no Teatro "Alberto Maranhão", uma noite de folclore, com o grupo de danças "Panã-Panã", da própria Universidade e dois outros, da cidade de São Gonçalo, representando autos populares: o Boi Calemba "Pintadinho" e os Congos de Saiote. Foi surpreendente a reação do público que lotava todas as dependências do Teatro, aplaudindo, estusiasticamente os referidos grupos, numa demonstração insofismável de que o folclore continua despertando o melhor interesse do povo.

Para o corrente ano, no mês de abril (quando escrevemos), durante a II Semana de Cultura Nordestina, promovida igualmente pela UFRN, está programada a apresentação de novos grupos folclóricos: o Pastoril "Estrêla do Norte", de São Gonçalo do Amarante, os Congos de Calçolas, da praia de Ponta Negra e o Bambelô "Asa Branca", de Natal.

É sobre todos os aspectos louvável esta iniciativa da UFRN, pois, não se limitou a Universidade, nos dois casos, à simples apresentação dos grupos, mas, patrocinou para os mesmos, indumentária completamente nova o que concorreu, sobremaneira, para o sucesso que os grupos alcançaram.

Fica, pois, o folclore do Rio Grande do Norte devedor à administração do Magnífico Reitor Domingos Gomes de Lima deste valioso serviço prestado à causa da cultura popular.

SEDE para grupos

Atendendo solicitação da Federação dos Grupos Folclóricos do Rio Grande do Norte, o Prefeito Hamilton Santiago, da cidade de São Gonçalo do Amarante, fará doação de um terreno, para construção da sede dos grupos folclóricos da referida cidade. Este é um exemplo que deveria ser imitado pelos demais Prefeitos do Rio Grande do Norte.

São Gonçalo do Amarante, onde o folclore começa no próprio nome da cidade, é um celeiro de danças tradicionais. Ali estão, em plena atividade, o Boi Calemba "Pintadinho", de mestre Pedro Guajiru; os Congos de Saiote, de João Menino, recentemente falecido e o Pastoral "Estrela do Norte", de seu Brito. No "Oiteiro", arredores da cidade, existiu, durante longos anos o famoso Fandango de Mestre Atanásio, que a Federação pretende restaurar, com o auxílio do Instituto de Folclore e da Prefeitura Municipal.

É de se prever que, com a construção da sede para os grupos, no terreno doado, verifique-se um verdadeiro reflorescimento no folclore local, não somente com o surgimento de novos grupos, nas vilas e povoados vizinhos, mas, com a reorganização de antigos grupos atualmente em recesso, como o citado Fandango de Atanásio.

Por um dever de justiça, devemos acrescentar nesta notícia que a idéia inicial, da doação do terreno para sede dos grupos, pertenceu ao ex-Prefeito, Joaquim Vitor de Holanda, agora confirmada pelo atual, Hamilton Santiago.

Perspectivas para 1979

São as melhores, no corrente ano, as perspectivas para o folclore potiguar. A começar pelo atual Prefeito natalense, Engenheiro José Agripino Maia, cujo entusiasmo coincide com o dos Presidentes de nossa Fundação Cultural, Professor Sanderson Negreiros e da nossa Empresa de Turismo, a EMPROTURN, Bel. Jussier Santos. Os propósitos gerais são os de mais ampla ajuda aos grupos de danças tradicionais.

Fala-se, inclusive, na realiação de um Festival de Folclore, para o mês de Dezembro, durante os festejos natalinos que, este ano, deverão ter um caráter todo especial.

Autor:

Título: *Revista esporte - Rio - Gron-*
denise de Faldou

Devolver em	NOME DO LEITOR
03/07/06	

COMPOSTO E IMPRESSO
NA GRÁFICA MANIMBU,
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO,
NATAL — RN — 1979.

Reg: 3836